



Ecoss de Sofrimento

A noite encobria a floresta inteira e, com ela, a aldeia que nela se escondia; somente a lua cheia, resplandecente no céu noturno, impedia que aquele local mergulhasse num véu de escuridão, envolvendo cada folha e cada ramo com a sua luz prateada, como uma mãe que acolhe calorosamente os seus filhos num abraço.

Entre o canto intermitente dos grilos, o suave chamado das corujas e o leve estalar dos ramos sob os passos furtivos dos ratos, destacava-se um cantarolar doce e alegre.

O pequeno vulto preenchia a floresta com a sua melodia alegre e, à medida que se aproximava das lamparinas da aldeia, as suas feições tornavam-se cada vez mais nítidas.

Era uma menina que, com o seu longo vestido esverdeado já um pouco desgastado, brilhava tanto quanto a lua, com os seus longos cabelos lilases, a sua pele de porcelana, e os seus grandes olhos negros, que mais pareciam pérolas, transmitiam a sua amabilidade e delicadeza. Na mão, carregava uma cesta cheia de pão, uvas e queijo, que balançava despreocupadamente de um lado para o outro.

Mas... o que fazia ela sozinha numa floresta à noite? Provavelmente é o que estás a perguntar-te agora, certo?

A verdade é que, vinda de uma família bastante humilde, Amélia viu-se forçada a trabalhar desde cedo, saindo de casa antes do sol nascer e regressando apenas quando os céus noturnos já estavam erguidos. Mas ela não se importava; gostava da brisa fresca a passar pelo corpo, do cheiro da noite na vegetação, dos animais noturnos que cruzavam o seu caminho e da pacífica solidão que a escuridão lhe propunha. Era tão inocente que nem sequer ponderava os perigos da noite: pessoas mal-intencionadas, animais mortíferos, plantas venenosas...

Era ingénua e vulnerável, e os olhos que a observavam, escondidos nas sombras, sabiam disso...

Inúmeras esferas luminosas, ferozes e vermelhas, preenchiam as trevas da floresta, acompanhando cada passo da jovem subtilmente, saboreando a certeza de que ela era um alvo fácil; a sua ingenuidade atraía um desejo perverso.

Foi quando o toque no seu ombro, firme, mas suave, interrompeu o seu caminho. Como se uma criatura tivesse se materializado das sombras e encostado delicadamente numa flor; Amélia virou-se, surpresa e curiosa, mas também tomada por um misto de nervosismo e medo, e deparou-se com um homem de olhar profundo e sorriso enigmático.

Os olhares, que espreitavam nas sombras ao redor, dissiparam-se imediatamente com a sua presença, como se, num piscar de olhos, os holofotes vermelhos tivessem se afastado — ou se unificado —, deixando apenas aquele homem ali — imerso em um silêncio perpétuo, que pairava entre ambo. No entanto, com uma quebra abrupta, o silêncio foi interrompido por uma voz profunda, firme e suave:

— Boa noite, menina. Peço perdão se a assustei, mas receio que é muito escuro e perigoso para alguém tão jovem andar por aí sozinha. Importar-se-ia se eu a levasse até casa?

Amélia olhou para o senhor misterioso e, incapaz de pronunciar uma palavra, acenou com a cabeça num movimento cauteloso, quase num estado hipnótico; concedendo-lhe assim permissão para a acompanhar. O homem, então, segurou a sua pequena mão, enquanto ela o conduzia pelo caminho até à sua casa.

Enquanto caminhavam em silêncio, Amélia não conseguia evitar lançar olhares furtivos, admirando a figura ao seu lado. Nunca vira alguém tão refinado. O fato vermelho parecia moldado à perfeição, feito de um tecido que, embora ela desconhecesse, exalava um luxo inimaginável; a cartola de veludo negro as suas feições, assim como o seu nariz de curvatura robusta, que lembrava o bico de uma águia e refletia um caráter implacável, cada linha da sua postura parecia desenhada para comandar respeito e temor; já a bengala de ébano escuro, que segurava na mão

direita, exibia uma cobra de esmeralda enroscada ao longo da madeira. A peça parecia viva, adornada por dois rubis sangrentos no lugar dos olhos, que espelhavam o rubi profundo do olhar do homem. Tudo nele contrastava com a simplicidade do mundo de Amélia, deixando-a maravilhada.

Os seus movimentos eram calculados, cada passo revelando uma serenidade carregada de algo indizível — como uma casca, ou talvez uma máscara, que ele parecia colocar sobre o rosto.

Amélia teve os seus pensamentos interrompidos pela voz serena do homem:

— Se continuar a observar-me tão atentamente, vou ficar preocupado — disse ele, soltando uma leve risada.

Amélia desviou imediatamente o olhar, embaraçada. Não tinha percebido o quanto a sua fixação era óbvia, mas com o comentário dele, sentiu-se indelicada. O cesto de comida, agora encostado ao seu peito, estava marcado pelas mãos trêmulas da criança, que, nervosa, apertava-o com força nos braços.

Baal, no entanto, apenas sorriu formalmente, mantendo a sua máscara e o ritmo dos seus passos tranquilos. A sua expressão não mudou, mas os seus olhos estavam agora voltados para a jovem, observando-a com uma suavidade que contrastava com a dureza do seu rosto e da sua postura. Ele parecia perceber a luta interna de Amélia, como se soubesse — ou talvez soubesse mesmo — os seus pensamentos e angústias.

— Não se preocupe — disse ele, de forma tranquila e aveludada. — Sou mais do que capaz de lidar com um olhares curiosos.

Amélia, ainda um pouco desconcertada, forçou um sorriso tímido; queria falar, mas as palavras pareciam fugir-lhe.

— Estou curioso, Amélia — disse o estranho que, mais uma vez, cortava os sons da floresta com as suas falas faladas com um interesse genuíno. — O

que faz uma menina tão encantadora como você a caminhar sozinha pela floresta? Ainda mais a esta hora da noite..

Os dedos de Amélia acariciavam a cesta de forma quase distraída, enquanto que o seu rosto exibia uma expressão séria e pensativa. Mesmo sabendo que a resposta era simples: Precisava trabalhar até tarde, porque preciso ajudar o papá e a mamã.

No entanto, partilhar algo tão íntimo parecia desnecessário. Não queria que ele a visse como uma vítima, nem que sentisse pena dela.

Após um longo momento de silêncio, Amélia ergueu o olhar e respondeu com um pequeno sorriso tímido:

— Eu... gosto da noite. É calma e faz-me sentir bem.

O homem fechou os olhos e suspirou fundo.

— Essas palavras trazem-me uma nostalgia imensa... — murmurou ele, o rosto que, anteriormente, continha um sorriso ilegível, agora assumia uma expressão melancólica, com uma voz carregada:

— Sabes, eu tinha uma irmã... muito gentil e encantadora. Estranhamente, o teu comportamento faz-me lembrar muito o dela.

Amélia, que entendeu todas as palavras escondidas no seu olhar, perguntou, num tom cabisbaixo:

— Tinha?

— Bom... — hesitou ele, com uma expressão pesada marcada no rosto — ela costumava fazer pequenos passeios noturnos, sempre com a minha supervisão, claro; mas era difícil controlar aquele espírito teimoso, que só aclamava por liberdade. Então, por vezes, esgueirava-se sozinha para os bosques... Contudo, num fatídico dia, ela encontrou duas pessoas no caminho que... bom, vamos apenas dizer que ela já não está mais entre nós...

A menina observava com atenção o senhor, como se procurasse nas suas lágrimas os lamentos guardados dentro de si.

— Mas isso já faz alguns anos — acrescentou ele, tentando aliviar o clima.

— Sei que a minha irmã está num lugar melhor, a olhar por mim.

— Sinto muito, senhor... — disse ela, com um tom sincero.

O homem deu um riso abafado, quase imperceptível, antes de completar:

— Não te preocupes, eu tenho o conforto de saber que, pelo menos, ela está ao lado de Deus... e que já não precisa sofrer mais as atrocidades que viveu.

— Eu...sinto mesmo muito, senhor de chapéu... — a jovem olhou para baixo, sentindo um enorme peso no corpo.

O senhor soltou uma pequena gargalhada ao ouvir a alcunha que a criança lhe dera.

— Por favor, trata-me por Baal — disse ele, com um sorriso no rosto, estendendo a mão para a jovem.

— Eu sou a Amélia. Se quiser, podemos ser amigos! — disse a criança, com um sorriso eufórico, apertando a mão dele com mais energia do que o esperado.

Ao proferir essas palavras, os seus olhos, vermelhos como sangue, brilhavam sob o luar, que se intensificava à medida que a noite se assentava.

— Amigos... — murmurou ele, a fala ecoando de forma quase etérea, como se estivesse a saborear cada sílaba e cada fonema dessa tão poderosa palavra. — Sim, Amélia; amigos.

Eles continuaram a caminhar lado a lado, Amélia sempre com a cabeça erguida e os olhos fixos em Baal. Por ser tão alto, parecia que o homem conseguia alcançar as estrelas, que pintavam o céu. A atmosfera, antes

fria e distante, tornava-se gradualmente mais acolhedora e calorosa com a presença do seu novo amigo.

— A tua casa está longe? — perguntou Baal, com um tom curioso, embora a expressão no seu rosto permanecesse impassível.

Amélia apontou para uma pequena luz que piscava entre as árvores.

— Não, está ali adiante. A mamã deve estar à espera! — respondeu ela com entusiasmo, agora segurando a cesta de comida com um cuidado maior.

O homem misterioso assentiu lentamente, os dedos longos e finos tamborilando suavemente na bengala de ébano enquanto direcionava o seu olhar para a luz que emanava ao longe, antes de retornar o seu olhar, obsessivo e enfeitiçado, para a criança que, animada e ansiosa para ver a sua mãe, acompanhava-o com passos acelerados.

— Amélia — começou ele —, o mundo é um lugar imprevisível. Mesmo quando estamos perto das pessoas que nos querem bem, o perigo, às vezes, consegue nos alcançar. E, em outras ocasiões, ele sempre esteve aqui, conosco...

A criança franziu o cenho, confusa com as palavras de Baal.

— O que queres dizer com isso, Baal?

— Ah, minha querida — ele sorriu, inclinando-se ligeiramente para ficar à altura dela —, só quero dizer que o mundo é vasto e cheio de perigos, e, às vezes, ele está mais próximo do que pensamos. É por isso que é bom ter amigos que possam proteger-te, não é?

Ela assentiu, absorvendo as palavras de Baal com um olhar pensativo.

À medida que se aproximavam da clareira, a pequena cabana de Amélia começou a destacar-se no meio das cabanas adormecidas, iluminada pela luz amarelada da lamparina pendurada na janela. Na soleira da porta, estava a mãe da criança, com os braços entrelaçados e um xaile sobre os ombros para se proteger do frio.

Quando os seus olhos se cruzaram, Amélia soltou a mão de Baal e correu em direção à sua mãe, o entusiasmo de a ver iluminava-lhe o rosto.

Capítulo 1

— Mamã! Cheguei! — gritou ela, lançando-se nos seus braços.

Baal permaneceu imóvel na linha tênue entre o contraste da floresta escura e desalmada e a cabana iluminada, que refletia o amor entre mãe e filha. Quando a senhora reparou na presença do homem, agarrou Amélia no colo.

— Quem é aquele homem, Amélia? — perguntou, enquanto deixava o seu olhar perfurar a figura daquele ser enigmático.

— O meu novo amigo! — respondeu a criança, sorrindo e acenando com a mão para o seu vulto. — Boa noite, Baal! Obrigada pela companhia.

Os olhos da mãe arregalaram-se, enquanto um arrepio percorria a sua espinha. O olhar de Baal transmitia algo inominável, acompanhado de uma sensação de perigo tão latejante quanto o seu batimento cardíaco.

Baal deixou escapar um sorriso sutil e provocador ao observar a reação da mãe. Inclinou-se numa reverência que, embora subtil, emanava respeito. Sem pressa, desapareceu na bruma da noite, deixando apenas o eco inquietante das suas palavras a ressoar na mente da mãe:

— *Boa noite, Amélia. Boa noite...*

A mãe de Amélia fechou a porta numa rapidez nunca antes vista, o coração acelerado intensificava a sensação de desassossego, que subia pelo seu corpo. A menina, alheia à perturbação da sua mãe, correu para dentro e pôs a cesta de comida na mesa.

— Mamã, hoje sobrou tanta comida na barraca do tio Zé! Ele deixou-me trazer tudo porque trabalhei até mais tarde — os olhos grandes e cheios de brilho olhavam ao redor da pequena casa. — O papá ainda não chegou?

— Amélia — começou a mãe, com um tom urgente e tenso, sem prestar atenção à pergunta da filha —, quem era aquele homem? Nunca o vi por aqui antes.

Amélia, ao pressentir o desconforto da mãe, voltou-se para a sua direção e abraçou-lhe as pernas, com uma expressão alegre e radiante.

— Eu já te disse, ele é o meu novo amigo, Baal ! Ele viu-me na floresta e disse que era perigoso andar sozinha, então ofereceu-se para me acompanhar até casa. Foi muito gentil da parte dele, não achas?

A mãe de Amélia sentiu um calafrio. Algo no nome "Baal" fez os seus instintos gritarem **perigo**. Nada nele inspirava confiança, desde o seu estilo até à forma como ele olhava para Amélia.

— Amélia, querida... — começou a mãe, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Acho que devias evitar sair ao escurecer por um tempo. Esse homem... algo nele não me parece certo. Pergunta ao tio Zé se ele pode deixar-te sair ao pôr do sol, ou, pelo menos, acompanhar-te até casa.
Amélia franziu a testa, surpresa.

— Mas ele foi tão gentil, mamã. Até disse que tinha uma irmã como eu. Acho que está triste porque ela já não está com ele. Parecia tão solitário. A mãe ajoelhou-se ao lado de Amélia e segurou-lhe as mãos.

— Eu sei, querida. Mas há pessoas no mundo que podem esconder intenções às quais não temos acesso. Apenas promete-me que terás mais cuidado, está bem? Fica por perto e, se vires alguém na floresta, não lhes dês conversa e corre o mais rápido possível para um lugar cheio de luzes e pessoas.

A criança assentiu, ainda que não compreendesse totalmente a preocupação da mãe. Ela não queria ver a mãe triste, por isso concordou em ser mais cuidadosa. No entanto, a sua mente ainda estava tomada pela fascinação e compaixão por Baal. Os seus modos suaves, o tom da sua voz, o olhar melancólico — tudo nele sugeria que ele não era perigoso. Pelo contrário, parecia mais alguém perdido, que precisava de ajuda.

E, enquanto a atmosfera entre ambas se tornava mais densa, imersa num silêncio quase palpável, a porta abriu-se com um estrondo, interrompendo o peso do momento.

— Alguém pediu um belo saco de lenha, para aquecer a casa? — exclamou o pai de Amélia, com um tom animado, enquanto atravessava a soleira com um pesado fardo apoiado nos ombros.

Amélia suspirou profundamente e, sem proferir uma palavra, retirou-se para o seu quarto, deixando para trás o peso silencioso da conversa que tivera com a mãe.

O pai, perplexo e preocupado, observou as expressões carregadas das duas.

— O que foi que aconteceu? Perdi alguma coisa?

A mulher aproximou-se com um gesto suave e pousou a mão no peito dele, como se quisesse sentir o seu coração para se distrair das suas preocupações.

— Deixa isso para amanhã, querido — murmurou, a voz impregnada de cansaço e, então, aproximou-se um pouco mais e tocou com os seus lábios na sua bochecha, num gesto que carregava mais apelo do que palavras. — E tenta não chegar tão tarde a casa, está bem?

Ele contemplou o rosto dela, marcado pela fadiga, e, em silêncio, inclinou-se para beijar-lhe a testa, como se quisesse absorver a sua exaustão e aquecer-lhe a alma com o seu amor.

Com um movimento sereno, acenou com a cabeça, conduzindo-a para o quarto.

O silêncio, e a escuridão dominavam a casa, e os olhos da família renderam-se à quietude da noite, mas o sono parecia escapar por entre os dedos de Amélia.

Enquanto se virava de um lado para o outro, com os seus pensamentos imersos nas palavras de Baal e na história da irmã dele. Conseguia sentir o peso da tragédia que o assombrava, e, por mais que tentasse afastar a imagem do homem misterioso da sua mente, ele voltava com força, como uma presença inevitável.

Havia algo no seu ser que fascinava-a e a desconcertava-a ao mesmo tempo. Ela queria saber mais sobre ele e preservar aquela amizade que, de

alguma forma, poderia preencher o vazio do seu mundo. Afinal, por trabalhar durante dias inteiros, mal tinha tempo para brincar com as crianças da sua idade, e o sentimento de isolamento pesava-lhe no peito.

Capítulo 2- pg11

Na manhã seguinte, Amélia acordou cedo, com um sorriso no rosto como sempre, mas desta vez acompanhado de um novo brilho nos olhos e um sentimento de esperança no coração. Estava ansiosa para trabalhar novamente, não apenas pela rotina que conhecia bem, mas também pela expectativa de se encontrar de novo com Baal.

Na barraca do tio Zé, onde Amélia passava os dias, o trabalho seguia como de costume.

O tio Zé, como todos na aldeia o chamavam, mantinha sempre uma expressão fechada, tão fria quanto um bloco de gelo. Porém, quem o conhecia sabia que, por trás daquela fachada, escondia-se um homem gentil e dócil, um verdadeiro amor de pessoa.

— Ah, a minha Lily! Chegaste cedo. Os teus pais gostaram da comida de ontem? — perguntou ele, enquanto ajeitava algumas caixas de legumes.

— Bom, o meu pai com certeza adorou o queijo e o pão; comeu tudo ao pequeno-almoço e não deixou nada para mim nem para a mamã, mas as uvas estavam ótimas! — respondeu Amélia, soltando uma risada leve.

O tio Zé gargalhou com gosto, a sua voz ecoando alegremente pela pequena praça. Com um gesto carinhoso, pousou a mão na cabeça da menina e murmurou com um tom cúmplice:

— Relaxa, hoje deixo uns legumes à parte para tu lebares para casa. Eu sei que o teu pai não gosta dessas coisas, então podes comer tranquila. — Piscou-lhe o olho matreiramente.

Ambos riram e se divertiram com a conversa. A barraca, embora fosse o local de trabalho de Amélia, era também como uma segunda casa para ela. E o tio Zé, com a sua presença calorosa, era como um tio de verdade. Ele era a alma que iluminava a praça da aldeia, transformando os dias simples em momentos de alegria.

Amélia ajudava o tio Zé a vender os alimentos frescos que ele cultivava com tanto cuidado: verduras, frutas e tubérculos. Já os produtos que

exigiam maior atenção, como enchidos, pescados e laticínios, eram geridos por ele com habilidade. Esses itens, recolhidos de barracas com pouca movimentação, serviam a um propósito maior: beneficiar tanto os pequenos produtores, que viam os seus produtos adquirirem mais visibilidade e maior chance de lucro, como o próprio tio Zé, que ficava com uma parte dos ganhos. Assim, “**A BaЯraca do Tio Zé!**” ganhou fama, sendo a barraca mais movimentada da aldeia de P

Ao final do dia, quando o mercado começava a esvaziar-se e a luz dourada do entardecer se espalhava suavemente pela aldeia, Amélia teve uma surpresa. Ao longe, viu Baal aproximar-se, elegante como sempre, segurando uma sombrinha de sol, protegendo-se dos raios poentes que pintavam o céu de tons quentes.

O rosto da menina iluminou-se com um sorriso, e, com passos ligeiros, ela foi ao encontro dele. Baal retribuiu o gesto com um sorriso discreto, tão sereno quanto o momento que os cercava.

Enquanto caminhavam juntos pelas ruas já quase vazias da aldeia, o som suave dos seus passos misturava-se com o canto distante dos pássaros, criando uma melodia tranquila, embora em contraste com os pensamentos agitados da menina. Havia algo que Amélia queria dizer, algo que a inquietava desde a noite anterior. Ela olhou para Baal, hesitante por um instante, mas determinada a partilhar o que sentia.

— Baal, a minha mãe... não gosta muito de ti — disse ela, com um suspiro carregado.

Baal não proferiu nenhuma surpresa, como se esperasse por algo assim. Ele olhou para ela com um olhar cheio de uma compreensão.

— É normal — respondeu ele, a voz calma e reconfortante. — Ela ainda não me conhece, mas com o tempo, verá que sou inofensivo. Cada coisa tem o seu tempo, Amélia.

E, com essas palavras, que a conversa seguiu e, a partir daquele momento, o homem tornou-se uma presença constante na aldeia.

Aos poucos, Baal foi conquistando o coração dos aldeões; no início, alguns ainda mantinham uma postura cautelosa e desconfiada em relação à sua presença enigmática e um tanto intrometida, mas Baal parecia não se importar com esses olhares alheios; sabia que a confiança era uma construção lenta e algo que florescia com o tempo.

No mercado, carregava cestos os produtos para os vendedores mais idosos, e quando uma casa necessitava de reparos, lá estava ele, com as suas mãos engenhosas, oferecendo ajuda sem esperar nada em troca, tentando ajudar sempre naquilo que podia.

Mas este homem, que parecia ter tantos talentos quanto a Terra tem grãos de areia, não cativou apenas os adultos da aldeia; as crianças rapidamente também afeiçoaram-se a ele. Ele ensinava-lhes o útil e o necessário: Pequenas noções de leitura e escrita; cálculos básicos; e até truques para melhorar o cultivo. Também maravilhava-as com histórias sobre antigas lendas e contos mágicos, que faziam as suas palavras brilhar como pozzinhos cintilantes nos ouvidos das crianças.

Contudo, tinha uma especial atenção com Amélia. Continuava a visitá-la depois do trabalho, e nos seus passeios ao crepúsculo, levava-a para para floresta, mostrava-lhe plantas venenosas e medicinais, ensinava-lhe sobre as estrelas e contava-lhe histórias pessoais; além de, quando ambos estavam livres, passarem os dias a brincar.

E, assim como a sua relação com os aldeões parecia melhorar gradualmente, com os pais de Amélia não foi diferente.

O seu pai passava os dias inteiros fora, cortando lenha e vendendo nas aldeias vizinhas então, no início, não tinha muito contacto com o homem. Apenas limitava-se a ouvir contos e as opiniões da sua esposa e da aldeia.

A mãe da menina, por sofrer de uma doença imunológica, passava os dias em casa e, por isso, tinha mais contato com Baal e as suas aventuras com Amélia.

As poucas vezes que falavam, quando ele vinha entregar a criança até casa, a mãe prendia o homem num questionário interminável, à qual ele respondia com calma e diligência.

Chegou até um ponto onde a mãe pedia para a criança brincar em frente à sua casa, para que assim, conseguisse observar de uma melhor forma a maneira como Baal se comportava. Foi por meses, mas a única coisa que a mãe notou foi apenas um adulto que, com crianças, tinha uma alma mais infantil e brincalhona, enquanto que com outros adultos, mudava completamente a sua postura, mas que mantinha sempre o seu carisma que ganhava tantos corações.

Moral da história: “Não julgar a aparência de ninguém, por mais mesquinha que a sua figura pareça”

Fim

Ou seria essa a moral, se a história acabasse por aqui.

Capítulo 2

Certa vez, durante um desses passeios que Baal e Amélia partilhavam, o homem parou e, num tom grave, disse:

— Amélia, tenho algo importante que gostaria de discutir contigo.

Amélia, curiosa e receosa, observou Baal, parecia mais sério do que nunca, o que contrastava a sua aura pacífica e descontraída:

— O que foi, Baal? — perguntou a menina

Ele respirou fundo antes de responder, como se ponderasse cada palavra.

— Amélia, sabes que a situação dos teus pais não é fácil. Lutam todos os dias para te dar o que precisas, mas... não é suficiente. Tenho pensado muito, e gostaria que viesses viver comigo. Eu poderia ser o teu tutor. Dar-te-ia a vida que mereces, uma educação de qualidade, roupas bonitas, comida da melhor... e, acima de tudo, eu proteger-te-ia.

Baal sorriu suavemente, mas o brilho nos seus olhos tornou-se mais intenso, como se a sua paciência estivesse a esgotar-se de forma imperceptível e tivesse a ser substituída por uma esperança incisiva, aguardando a resposta da pequena.

— Mas, e o senhor Zé? e os meus pais?...

Baal responde de forma imediata, como se já soubesse que essa dúvida iria surgir.

— O senhor Zé vai encontrar outra pessoa, não te preocupes. Há sempre quem precise de trabalho. Mas tu, Amélia... és especial. Não deves desperdiçar os teus talentos num lugar onde não os consegues explorar. Ensinar-te-ia tudo o que sei, e poderias visitar os teus pais e o senhor Zé sempre que quisesses.

Amélia engolia as suas palavras a seco, a dúvida corroía-lhe o espírito. As palavras de Baal pareciam determinadas, mas, ao mesmo tempo, pareciam envoltas numa névoa de incerteza e abandono, onde teria de deixar a sua zona de conforto: o seu trabalho e o seu lar.

Seria justo deixar o senhor Zé? Ele sempre fora tão gentil com ela, quase como um tio... e os seus pais? que sempre fizeram de tudo pelo bem estar dela, seria justo apenas abandoná-los? Essas perguntas giravam em volta da sua cabeça

— Prometo-te, Amélia — continuou Baal, o tom de voz firme, mas sedutor. — Vou cuidar de ti como ninguém jamais cuidou. Vais ter tudo o que precisas e muito mais. Só precisas confiar em mim.

Amélia olhou para o chão, tentando encontrar uma resposta que a satisfizesse. Mas a sua mente estava em conflito. Por um lado, havia a promessa de um futuro brilhante e próspero; por outro, o peso de se afastar da sua família e dos seus conhecidos.

Finalmente, ela ergueu o olhar e disse, num suspiro:

— Eu... vou pensar.

Baal apertou-lhe a mão, os seus dedos frios contrastavam com o calor que as suas palavras tentavam transmitir. Ele estava visivelmente frustrado, mas engoliu o seu orgulho e, num tom apaziguado, disse:

— É tudo o que peço, minha pequena. Apenas pensa.

Amélia sentiu o ar à sua volta ficar mais pesado, como se o mundo estivesse a sussurrar ruídos que ela não conseguia entender. Após essa conversa, Baal acompanhou a criança até à porta de casa. O céu começava a escurecer, e a pequena cabana iluminava-se suavemente com a luz das velas. A mãe da jovem veio à porta e abraçou a sua filha.

— Obrigada por trazê-la em segurança de novo, Baal — disse ela, com um sorriso aprazível— Ouvi dizer que a aldeia vizinha anda muito perigosa, só se houve falar de furtos e mortes! Ah, onde é isto vai parar?..

— O prazer é todo meu, minha senhora, fique descansada — respondeu Baal, inclinando-se ligeiramente num gesto afável.

Quando Amélia entrou em casa, o pai, que observava a interação pelo sofá, aquecido pelas labaredas saídas da lareira, dirigiu-se à porta com passos firmes e curiosos. O homem misterioso, tantas vezes mencionado pela filha e pela sua mulher, encontrava-se agora diante dele, tão real e presente quanto os rumores que o cercavam. Todos na aldeia aclamavam

a bondade desse senhor com a bengala de serpente, e o quão generoso, até divino, ele parecia.

A desconfiança que inicialmente atormentava a sua esposa não estava completamente esquecida, pelo menos, não para ele. Recordava-se bem de como ela cochichava sobre o estranho que tantas vezes acompanhava a filha pela floresta, um parasita que pairava sobre as suas vidas. Contudo, agora ela parecia mais relaxada; talvez rendida ao encanto de Baal, ou talvez confortada pela aparente segurança que ele proporcionava à criança.

Mas magnetismo de Baal era inegável. O pai de Amélia, intrigado com a sua presença, não podia perder a oportunidade de finalmente conhecer o tal guardião que tanto fascinava a sua filha. Talvez, ao vê-lo mais de perto, pudesse compreender melhor a natureza daquele homem, que exercia uma influência tão forte sobre Amélia.

— Baal! — chamou o pai de Amélia, aproximando-se da porta com um gesto acolhedor. — Não queres juntar-te a nós para o jantar? Temos pão fresco e vinho.

— Seria um prazer, senhor — respondeu Baal, inclinando ligeiramente a cabeça, num movimento que parecia ter consciência da sua imponente.

Ele então entrou na casa modesta com passos seguros, trazendo consigo uma aura tão sofisticada quanto a sua postura. À medida que se sentava à mesa com a família, a pequena sala de jantar, antes simples e modesta, começou a parecer mais quente e acolhedora, apesar da luz acolhedora das velhas não alcançarem aquele ser.

Os pais de Amélia, inicialmente nervosos, rapidamente se sentiram à vontade com a presença do convidado, e a conversa fluíu com naturalidade, e os risos e gargalhadas começaram a preencher o espaço.

Baal, com o seu habitual charme, contava histórias cativantes, que impressionavam os pais de Amélia, à medida que o vinho barato e o pão humilde pareciam perder a sua simplicidade naquele momento encantador.

Conversa vai, conversa vem, e as risadas continuavam a fluir. No meio daquele convívio, Baal aproveitou a leveza do momento para abordar um assunto delicado: a guarda de Amélia. Os pais, envolvidos pelo vinho e pelo carisma encantador do senhor que tanto protegia a pequena criança, escutavam-no com atenção, como se cada palavra fosse um feitiço. Com um ar cortês, Baal estendeu um papel coberto de símbolos intrigantes, que pareciam brilhar suavemente à luz das velas.

Para os pais, aqueles caracteres eram um mistério, um labirinto de letras que não podiam compreender, refletindo a sua triste ignorância. Ambos, nascidos em famílias humildes, não tiveram o dom da leitura e da escrita, o que tornava o documento um enigma.

— Isto são apenas formalidades que explicam que, apesar de ser o seu guardião, os progenitores da criança são aqueles que têm total controlo sobre as decisões tomadas em volta da Amélia — o seu dedo indicador tapeava uma linha abaixo de todos aqueles mistérios codificados, enquanto que a outra segurava um frasco de tinta — Assinem aqui com as vossas impressões digitais, por favor.

Os pais hesitaram, uma leve inquietação percorria-lhes a espinha. Mas, sob o olhar persuasivo de Baal e do álcool, que dominava as suas cabeças, as suas dúvidas começaram a se dissipar, como a neblina ao amanhecer. A promessa de um futuro melhor, envolto de um encanto promissor, era uma tentação irresistível. O bem estar da sua filha era a coisa mais importante para eles, e não podiam ser egoístas a ponto de cortar as suas asas e impedi-la de ter uma vida mais confortável.

Com mãos trêmulas, eles mergulham os seus dedos na tinta escura, fria, e pousaram as suas impressões digitais sobre o papel, num gesto que parecia selar, por definitivo, o destino da criança. O ar que circulava pela sala tornou-se denso; o riso e a alegria que antes preenchiam o espaço agora pareciam ecos distantes, substituídos por um silêncio carregado de significado, como se o próprio tempo nem sequer ousasse avançar após aquela decisão.

Baal olhou para a janela, que fotografava a noite estrelada:

— Agradeço a vossa colaboração, assim como o jantar e a companhia tão agradável. Contudo, a hora já se faz tardia, e penso que é melhor seguir o meu caminho. Desejo a todos vós uma boa noite — despediu-se com um gesto de cortesia. O seu olhar, profundo e intrigante, parecia captar cada pormenor dos seus rostos, como se quisesse eternizar na memória a essência daquela noite.

Enquanto isso, o homem retirou a sua cartola aveludada, revelando uma ainda mais pequena que escondia a sua cabeça.

Depois de ele sair de casa, esse detalhe peculiar fez com que a família trocasse olhares divertidos, tentando conter o riso diante da cena um tanto caricata.

Capítulo 3

A noite passou a correr e, na manhã seguinte, Amélia foi despertada por um estrondo ensurdecador, juntamente com gritos desesperados, que se espalhavam pela casa e que pareciam ter origem na sua sala. Com o coração acelerado e uma preocupação que esmagava o seu peito, levantou-se rapidamente da cama e correu em direção da gritaria.

Ao abrir a porta, ficou paralisada ao ver um homem de porte gigantesco a imobilizarem a sua mãe e o seu pai. A cena era caótica; a luz do amanhecer entrava pela janela, mas a atmosfera estava carregada de um medo sombrio. A sua mãe, de olhos arregalados, tentava resistir, enquanto o seu pai lutava para se libertar das garras dos intrusos. Na porta, encostava-se uma figura que afastava os raios de sol com a sua sombrinha cheia de requinte; era Baal, que ria-se juntamente com os seus capangas, que pareciam divertir-se com a situação enquanto os berros dos pais subiam pelas paredes, mas foram imediatamente interrompidos pelas mãos rijas daqueles rufias. Amélia o seu corpo petrificar-se, incapaz de compreender como aquele homem, que na noite anterior parecia tão encantador, se transformara numa figura tão ameaçadora.

Desesperada, Amélia hesitou por um momento, procurando uma forma de ajudar os seus pais. O seu coração batia descompassado, e a adrenalina começava a subir. O que estava a acontecer? E Porquê?

— Ah, Amélia... — começou ele, a voz gélida; cada palavra cortando o ar como uma lâmina afiada. — Eu poderia ter continuado com a minha pequena farsa. Poderia ter mantido a ilusão e levado-te comigo, como o tutor caridoso e protetor que os teus pais, ingenuamente, acreditaram que eu fosse. Mas isso não teria graça. Assim, como é que eu poderia saborear o vosso desespero, não é mesmo?

Ele soltou um riso macabro, um som que parecia libertar um lado nunca antes visto daquele homem. Baal continuava a aproximar-se de Amélia com passos lentos e calculados, como um predador que cercava a sua

presa. O brilho sádico nos seus olhos contrastava com o ambiente, outrora acolhedor, agora tingido por um medo ameaçador.

— Há algo mais satisfatório do que enganar aqueles que nos confiam o mundo de olhos fechados? — comentou ele, os olhos fixos nos dela, desfrutando cada segundo do pavor que transparecia no rosto da jovem.

O seu olhar dizia tudo o que as suas palavras escondiam: “Quero ver o terror estampado nos vossos rostos, e que sintam o gosto amargo da minha traição e do vosso desespero. Vocês, vermes insignificantes, não são nada mais que meros insetos pra mim, que eu esmago apenas por pura diversão”.

Amélia recuou, cambaleando, a mente turva de confusão e medo. Observava impotente enquanto os seus pais eram cercados pelos capangas de Baal, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto ao testemunhar o horror que se desenrolava diante de si. O homem que ela acreditava ser um amigo e um protetor, era agora uma figura monstruosa, desprovida de qualquer vestígio de bondade. Cada palavra doce, cada gesto gentil, revelavam-se agora uma encenação fria, meticulosamente calculada para os enredar na sua teia de mentiras.

— Eu... eu não entendo! — balbuciou Amélia, a voz embargada pelas lágrimas e pela incredulidade. — Pensava que éramos amigos... Por que estás a fazer isto?!

Baal observava a aflição de Amélia com um prazer perverso, como se o sofrimento dela fosse o ponto alto da sua vil trama. Os seus capangas riram; gargalhadas ásperas preenchiam o espaço, como um aviso de que tudo aquilo era apenas o começo.

Entre risos, olhares de desdém e um momento de atónito silêncio — vindo tanto da família de Amélia como dela própria —, a criança fixou o olhar no papel que Baal segurava na mão esquerda: o contrato que guardava as impressões digitais dos seus pais.

Foi aí que tudo se juntou, como peças de um puzzle desnecessário e confuso: O contrato que os seus pais assinaram não era uma promessa de

um futuro melhor, mas sim uma sentença, uma premissa de uma corrente que a prendia para sempre àquele homem, um papel que escancarou todo o seu plano diante deles, sem que nenhum tivesse consciência.

— Porque eu estou a fazer isto, perguntas tu? — repetiu Baal, colocando a sua mão no próprio queixo, de forma irônica e pensativa. — Estava aborrecido, e a tua figura atraiu-me. Queria ver o quão longe eu conseguia vos enganar.

— Enganar? Então a tua irmã, e as tuas aventuras, e os teus sorrisos, proteção, amizade — inspirou Amélia, recuperando o seu fôlego, enquanto encarava o vermelho maligno dos seus olhos — Tudo isso...porque estavas aborrecido? Nada foi real?

— Basicamente. Talvez eu tenha deixado me levar ao contar uma aventura ou duas, mas o resto foi tudo encenação. Vocês, plebeus, impressionam-se com muito pouco.

Enquanto Amélia processava as suas palavras, o homem fungava pelo nariz e descia a sua mão para pegar uma mecha dos cabelos da jovem, envolvendo-a nos seus dedos no lilás, completamente alheio ao sofrimento presente.

Enquanto se perdia nos seus pensamentos desconhecidos, um pequeno sorriso crescia no canto da sua boca, enquanto olhava fixamente para a lavanda que espelhada nos seus fios de cabelo. Amélia queria afastá-lo, o seu toque causava-lhe desgosto, mas ela via-se paralisada, sem forças para enfrentar a sua maldade.

Ele então virou-se para os seus capangas e, com um aceno de cabeça, Baal ordenou que os seus homens levassem a Amélia. Dois dos seus homens agarraram-na pelos braços, arrastando-a para fora da casa, onde uma carruagem negra os esperava, como se o barco de Caronte a aguardasse para levar a sua alma.

Os pais de Amélia sentiam-se impotentes perante aquela cena. Testemunhar Amélia - a riqueza mais preciosa que possuíam, fruto de um

amor tão profundo e duradouro - ser arrastada para a carruagem venusta era um castigo que nem os seus piores pecados poderiam justificar.

O pai da criança, com os olhos vermelhos de lágrimas, trocava olhares desesperados com a mulher. Esta, num rompante de força, libertou a boca da mão do rufião e estendeu os braços para a filha:

— A MINHA FILHA! LARGUEM A MINHA FILHA! — O grito, esganicado, rasgou o ar como uma faca que a ferir-lhe a garganta. — DEVOLVAM-ME A MINHA BEBÉ!

— BAAL! SEU MALDITO! SEU COVARDE! — rugiu o pai, com um ódio tão denso que cada palavra parecia uma explosão. — LEVA-ME A MIM NO LUGAR DELA! ELA NÃO PASSA DE UMA CRIANÇA! POR DEUS, LIBERTA-A!

Baal virou-se lentamente, saboreando o desespero nas palavras dos pais de Amélia como um vinho raro, absorvendo cada gota da dor de forma satisfeita, *afinal, era isso que ele queria.*

Baal fitou o casal prostrado em agonia, as suas súplicas ecoando no ar como preces caídas em ouvidos surdos. Um sorriso cruel rasgou-lhe o rosto:

— Por Deus? — disse, soltando uma risada amarga que expelia veneno. — **EUSOU DEUS!**

Antes de fechar a porta da carruagem, acrescentou, com frieza e contentamento na sua voz:

— Isto, com certeza, foi um belo espetáculo, meus senhores. Desejo-vos uma vida próspera.

Após as suas palavras, Amélia foi empurrada para dentro da carruagem, que fechou-se logo em seguida, abafando os gritos dos pais de Amélia, engolidos pelo arrependimento amargo das suas decisões, que, com certeza, os acompanharia pelo resto das suas vidas.

Capítulo 4

Baal, já sentado na carruagem, fechou os olhos por um instante, saboreando o triunfo daquela cena trágica. O som das rodas contra a terra marcou o início de um novo, e incerto, começo para Amélia.

Ela olhou para trás uma última vez, vendo os pais de joelhos através das grades da carruagem, os seus rostos deformados pela dor e arrependimento. Os capangas do Baal, que rodeavam o espaço em volta da sua casa para impedir que os aldeões interviessem, agora recuavam para as suas carruagens. Um aglomerado de pessoas rodeou a figura do casal, que ficava cada vez mais pequena. Os aldeões viravam as suas cabeças para a sua direção; uns tentavam correr atrás, mas era em vão.

A paisagem da sua terra onde vivera todos esses anos, com as suas casinhas simples abraçadas pela floresta densa, começaram a desaparecer lentamente, como uma lembrança que se desvanece nos confins da memória.

Amélia observava pela janela da carruagem, os olhos marejados cravados no horizonte, enquanto revivia cada instante do que acabara de acontecer. O choque e o desespero corroíam-na por dentro, transformando cada segundo numa agonia insuportável. As mãos tremiam-lhe ao apertar contra o peito, numa tentativa inútil de conter os soluços que lhe rasgavam a garganta — como se a tristeza quisesse escapar-lhe do corpo à força.

As grades da carruagem prendiam-na como uma jaula, que separava-a da liberdade e do mundo que conhecia; cada chacoalhar da carruagem parecia ofuscar cada vez mais o seu brilho, enquanto que o som ritmado das rodas, sobre a estrada de terra, tornava-se uma espécie de batida fúnebre, ressoando dentro do seu coração.

As sombras das árvores passavam velozmente, distorcidas pela luz fraca do entardecer. Baal, sentado à sua frente, observava-a com um olhar penetrante, desprovido de qualquer compaixão. Ele parecia alimentar-se do sofrimento de Amélia, absorvendo cada lágrima com o prazer de

quem colhe os frutos de um plano, com uma crueldade exuberante e sem sentido. O silêncio entre eles era apenas quebrado pelo trote apressado dos cavalos, que pareciam compartilhar o desconforto da jovem.

— Está a doer, não está? — disse Baal, com um tom tranquilo, quase desinteressado, como se o sofrimento dela fosse uma mera constatação. — Ver tudo a desaparecer diante de ti. Pode parecer cruel, mas estou apenas a mostrar-te a verdade: Não existem histórias perfeitas, onde podes ser feliz para sempre. O que é real, querida Amélia, é a dor e o medo, e agora, vais entender isso como nunca antes.

O tom das suas palavras, a forma como ele exaltava o sofrimento e a dor, tudo parecia desprovido de qualquer racionalidade. Aquele homem, que antes aparentava ter um propósito claro e honroso, agora parecia um lunático, perdido nas suas próprias divagações. Cada frase que Baal pronunciava parecia mais desconexa, como se ele tentasse criar uma desculpa para dar sentido à crueldade que impunha. Amélia olhava para ele com um misto de incredulidade e horror. Era como se o verdadeiro Baal, o homem que se escondia por trás das suas máscaras de compaixão e caridade, estivesse finalmente a sua essência: um ser desprovido de razão, que se alimentava apenas da destruição.

"Ele está louco", pensou Amélia, sentindo um frio na espinha que já não era causado apenas pelo medo, mas também por estar à mercê de alguém que não dizia nada com sentido; tudo soava vazio e sem significado.

O silêncio de Amélia, no entanto, era mais forte do que qualquer resposta que pudesse dar. Ela não tinha mais forças para discutir, nem para tentar entender a lógica perversa que ele tentava impor. Ela desviou o olhar, tentando afastar-se, mesmo que mentalmente, da presença sufocante daquele homem e, no seu silêncio, resistia. Sabia que qualquer resposta só alimentaria ainda mais a insanidade daquele homem que outrora a fascinara.

— O que vais fazer comigo? — sussurrou ela, a voz tremendo, apesar dos seus esforços para parecer forte. O medo ressoava em cada palavra, refletido no tremor incontável que percorria o seu corpo.

Baal inclinou-se para a frente, aproximando o rosto do dela.

— O que vou fazer contigo? — repetiu ele, num tom quase contemplativo.
— Isso, minha doce Amélia, vai depender de ti. A tua dor pode ser breve... ou durar uma eternidade. Vais aprender a obedecer-me e a adorar-me da mesma forma que eu te adoro... e, talvez, no fim, até me agradeças por tudo o que estou a fazer por ti.

Ela fechou os olhos, sentindo as lágrimas gélidas descerem pelo rosto, enquanto o som das rodas continuava a ecoar pela estrada desolada, como o prenúncio de um destino que não podia evitar.

Enquanto a carruagem seguia o seu caminho, Amélia lembrou-se das histórias que Baal contava sobre a irmã, uma jovem tão parecida consigo. Agora, entendia que aquelas narrativas inverídicas, envolvidas de aventuras e tragédias, não eram contos de uma imaginação perturbada, e um reflexo do que ele desejava fazer com a Amélia. A figura da irmã, que fora levada por homens maldosos e que já não estava naquele mundo, agora transformara-se num presságio sinistro. *Seria este o seu destino?*

O medo enraizava-se de forma parasítica na criança, tomando conta de cada pensamento enquanto observava discretamente Baal, relaxado, como se tudo aquilo fosse um jogo mundano para ele. O sorriso satisfeito nos seus lábios e o brilho sombrio nos seus olhos revelavam o prazer que ele tirava do sofrimento alheio.

Amélia desviou o olhar para a paisagem que passava repetidamente pela janela da carruagem; árvores escuras, pedras pontiagudas e a estrada, serpenteante, que se estendia até onde o horizonte começava, como um purgatório sem fim.

Contudo, apesar do pânico percorrendo as suas veias, Amélia compreendia que, diante das adversidades, não podia permitir-se ceder ao desespero. Apesar de tudo, havia uma pequena, porém constante, luz de esperança que emanava dentro dela, uma chama delicada.

Era como se a sua alma, frágil mas determinada, abraçasse uma vela acesa, protegendo-a, com as suas próprias mãos, das tempestades que

ameaçavam apagá-la a cada instante. Sentia o peso da escuridão ao seu redor, mas ao mesmo tempo sabia, em algum recanto profundo do seu ser, que não estava completamente vencida.

Fez, então, uma promessa para si mesma, um pacto com o seu próprio espírito: Ela iria resistir e lutar.

Baal, que parecia entender a sua mente sem ela proferir nenhuma palavra, comentou:

— As crianças como tu... — murmurou ele, com um olhar satírico que demonstrava desdém — têm sempre a ilusão de que a força reside na esperança, e crêem que um pouco de fé pode superar qualquer obstáculo. Mas deixa-me dizer-te, Amélia...

Fez uma pausa, um sorriso amargo contornando os lábios enquanto o vento das suas palavras soprava a chama dentro de si. Então, num último suspiro, Baal acrescentou:

— Quanto mais te esforças para lutar, mais te enredas na desilusão. A esperança, por mais pura que pareça, pode transformar-se em um peso esmagador, e cada tentativa de mantê-la viva pode conduzir-te a um abismo ainda mais profundo.

A criança sentia a corrosão consumindo cada fibra do seu ser. As lágrimas escorriam pelo seu rosto, enquanto gritos de angústia ecoavam em sua mente, clamando por seus pais, por aquele lar que agora parecia um sonho distante.

Ela chorou até à exaustão, até que as forças a abandonaram, caindo, assim, num sono profundo.

Capítulo 5

Quando finalmente despertou, encontrava-se deitada numa cama luxuosa, coberta por lençóis de seda e almofadas de veludo. O quarto, com um esplendor que contrastava brutalmente com a frieza da carruagem, não tinha nenhuma semelhança com o seu lar humilde. Cortinas de veludo escarlate e papel de parede estampado com padrões dourados saturavam os sentidos, enquanto os móveis de madeira entalhada reluziam com uma luz suave que se filtrava pela janela e do ostensivo candelabro que olhava para si nas alturas. Tudo parecia tão opulento que se assemelhava a uma armadilha, disfarçada de um conto de fadas encantado.

Ao seu lado, uma figura feminina observava-a com um olhar misto de apreensão e compaixão: Era Ângela, uma empregada vestida com um uniforme impecável, cujo semblante carregava um cansaço subentendido.

— Fico feliz que a menina tenha acordado — disse Ângela, a voz suave e formal, mas sem qualquer entusiasmo. — Prepare-se o mais rápido possível e dirija-se para a sala de reuniões de Baal. Ele está à sua espera. As suas vestimentas estão nos pés da cama.

Sem esperar uma resposta, Ângela virou-se rapidamente, tentando escapar de qualquer prolongamento da conversa. Mas Amélia, ainda atordoada, reagiu com um ímpeto desesperado, agarrando o uniforme da mulher com as mãos pálidas e trémulas. Seus olhos, lacrimejados, imploravam por uma saída, que alguém a acordasse daquele pesadelo martírio.

— Por favor... Quero voltar para casa! — Amélia chorou, a voz rouca pelo desespero. — Apenas quero ver os meus pais... Por favor, ajude-me...

Ângela hesitou, o seu olhar fixo na jovem que, até há uns dias atrás, vivia uma vida simples e inocente. As palavras sentidas de Amélia, carregadas de desespero, tocavam-lhe o coração, que há muito fora endurecido pelos anos de servidão a Baal.

Por um breve momento, Ângela sentiu-se tomada por uma onda de empatia que quase fez os seus olhos oscilarem. O desespero de Amélia âlfinetava as suas próprias lembranças. Assim como Amélia, Ângela também tinha sido arrancada do seu lar, seduzida por promessas vazias de um futuro melhor, apenas para ver essas promessas desmoronarem-se num mar de arrependimento interminável.

Ela recordava o dia em que, cheia de esperança, acreditara que Baal seria o seu salvador, o guardião que a levaria para uma vida de conforto e proteção, que ajudaria-a a arranjar um trabalho estável e honesto para poder dar para os seus filhos uma vida melhor.

Mas rapidamente a realidade lhe mostrara o contrário. As cicatrizes invisíveis que Ângela carregava no coração pulsavam agora com força.

No entanto, apesar da empatia que começava a surgir, o medo do que Baal pudesse fazer, caso ela ousasse desobedecer, era grande demais para ser ignorado. Ângela sabia, melhor do que ninguém, do que Baal era capaz. Ele não tinha limites na sua crueldade, e qualquer ato de traição seria punido de maneira implacável. O medo tornou-se um peso no seu peito, sufocando a coragem que começava a germinar.

Ela baixou o olhar, apertando os punhos, lutando internamente com as vozes contraditórias dentro de si. A vontade e o medo chocavam-se como duas marés violentas, deixando-a num estado de indecisão angustiante.

— Lamento muito, mas não posso ajudar — disse Ângela, a voz carregada de um pesar contido. — A melhor coisa que pode fazer agora é cumprir o que lhe foi ordenado. Baal não é alguém com quem se possa brincar.

Com essas palavras, Ângela, num movimento abrupto, retirou-se do quarto, deixando Amélia sozinha na vastidão daquele quarto com o peso da solidão e da impotência caiu sobre ela.

— Sinto muito... — sussurrou Ângela, quase inaudível, encostando a cabeça na madeira gelada da porta.

As palavras de Amélia ecoavam na mente da empregada; sabia que havia pouca coisa que pudesse fazer, mas o rosto angustiado de Amélia não lhe saía da cabeça, o pensamento de estar a trair a sua índole pesava-lhe no peito. Por mais que quisesse afastar esses pensamentos, eles cravavam-se na sua consciência como espinhos afiados.

— Por que, Baal? — pensou Ângela, contendo as lágrimas que insistiam em aflorar. — Ela ainda é tão jovem... por que fazer isto com uma criança?

Cada palavra que ela sussurrava era um grito silencioso de frustração e dor, mas ela não podia continuar assim. Ângela enxugou rapidamente os olhos, forçando-se a recompor, mesmo que apenas por fora.

Dentro do quarto, Amélia permanecia só, envolta num silêncio tão denso que parecia ter forma, sufocando-a como um véu opressivo. Os detalhes luxuosos ao seu redor — que para outros poderiam simbolizar status e opulência — não passavam de adornos de um cativeiro reluzente. Cada sombra nos cantos e recantos do quarto parecia espreitar, e o ar era pesado, difícil de respirar, era como se o próprio ambiente estivesse vivo e conspirasse para a esmagar. Tudo ali era grandioso, mas essa grandiosidade apenas acentuava a sua sensação miúda e frágil.

Mas deixou os pensamentos de lado e tentou reunir forças, pois a realidade que a cercava era implacável e indiferente ao seu sofrimento. Com o coração em pedaços e as lágrimas ainda quentes no rosto, Amélia levantou-se da cama com movimentos lentos, quase mecânicos. Lentamente, retirou as roupas desgastadas e ensopadas pela sua dor, sentindo o peso de cada lágrima aglutinada no tecido e, com as mãos trêmulas, pegou o vestido verde-claro que estava sobre a cama.

O vestido, verde como o prado, e de uma leveza quase etérea, parecia pertencer a um mundo distante — uma miragem de uma vida que Amélia não reconhecia como sua. Enquanto o tecido fluía delicadamente sobre sua pele, com uma fita amarela que abraçava confortavelmente a sua cintura, reforçava a sensação de estranheza. O contraste entre a suavidade do tecido e o peso insuportável que apertava o seu peito

tornava-se quase intolerável. Dirigiu-se para o espelho que refletia a sua expressão de cansaço, e em seguida cobriu o verde fresco com um robe preto translúcido, com penas retiradas de um abutre, desenhando as bordas do vestuário. Em seguida, calçou uns pequenos sapatinhos dourados e retirou-se do quarto, deparando-se com um longo corredor onde, no final, estava uma porta do tamanho dos céus, cercada por dois retratos de Baal.

Uma das inúmeras empregadas da mansão, inclinou-se cortesmente e, com um gesto robótico que apontava para a porta no fundo, indicou o caminho que Amélia devia seguir.

À medida que avançava pelo corredor da mansão, a luz fraca da lamparina tremulava e projetava sombras nas paredes, quase como se a própria casa estivesse a tentar avisá-la dos perigos. A cada passo, Amélia sentia o ar mais pesado, impregnado de uma presença de um ambiente desconhecido, que alertavam todos os sentidos do seu corpo. Ao longo do corredor, grandes portas entreabertas revelavam cenas perturbadoras: homens de trajes finos, denominados por “convidados”, olhavam para os empregados com uma fome predatória, com as suas roupas e narizes manchados por traços de pó branco.

A sua presença, pequena e vulnerável, parecia atrair os olhares famintos, e o desejo no rosto daqueles homens ricos fazia-a tremer; ela caminhava como uma presa numa arena, onde o seu sacrifício parecia iminente.

Os seus pés moviam-se silenciosamente sobre os tapetes macios, carregados de dor, e cada detalhe que embelezava aquela vasta mansão, só fazia-a recordar a simplicidade da sua casa; onde, apesar das dificuldades, sentia o caloroso amor dos seus pais. Agora, cercada pelo luxo frio e ignóbil daquela mansão, sentia o vazio, que Baal criara no seu peito, ainda mais aparente.

Amélia sentia falta do barulho da cozinha modesta, dos risos e gargalhadas daqueles que genuinamente lhe queriam bem, das histórias de embalar que os pais contavam à noite e até do sabor do pão velho que tantas vezes partilhavam como se fosse o banquete mais delicioso do

mundo. O sentimento de perda apertava-lhe o coração como uma mão invisível.

Ao aproximar-se da porta no fundo do corredor, a silhueta de Baal tornava-se mais nítida. As suas costas rígidas e robustas, marcadas pelo corte impecável do terno que usava, dominavam o espaço à sua volta. Ele estava de costas para Amélia, observando através da janela, o vasto jardim sob a noite, segurando um copo de vinho na mão, e a sua bengala na outra.

— Ah, Amélia, espero que tenhas dormido bem nos teus aposentos — disse Baal, a sua voz transbordando falsa cortesia.

Ele virou-se lentamente, e o seu olhar pousou sobre ela. O vestido que pessoalmente escolhera para Amélia dava-lhe uma aparência quase angelical e divina, como se tivesse sido esculpida num sonho. O verde pálido da sua roupa contrastava fortemente com o vermelho profundo dos olhos do homem, que absorviam a imagem da pequena.

Os olhos de Amélia desviaram-se para a bengala de Baal, onde a serpente de esmeralda se encontrava. Ela sentia-se como aquela pedra preciosa, presa nas garras daquele homem.

Para Baal, ela era exatamente isso: uma posse, uma obra valiosa a ser exibida e mantida sob o seu controlo.

Baal, com uma neblina que dançava em volta da sua mão, pousou o copo de vinho no ar, que lentamente tentava alcançar a superfície de uma mesa de mármore, os seus olhos nunca deixando a sua figura. Começou a circundá-la lentamente, os passos ecoando pelo chão de madeira polida. Cada promenor dela era examinado com minúcia; desde o brilho dos seus cabelos lilases, que caíam sobre os seus ombros, até ao contorno do vestido que moldava a sua figura esguia.

— Perfeito. Absolutamente perfeito — murmurou Baal, com um olhar que a penetrava como uma faca.

Amélia, ainda estagnada com a neblina que parecia ter vida, não conseguiu proferir uma palavra; sentia o olhar daquele homem a

atravessá-la, e a intensidade da sua atenção fazia-a sentir-se exposta, como se ele estivesse a despir-lhe a alma. Ele era uma tempestade prestes a desabar, e ela, uma folha frágil levada pelo vento, sem qualquer controlo sobre o seu destino.

— Sabes, Amélia, ninguém é perfeito; nem mesmo os deuses.

As suas palavras e os toques, que antes eram subtis, agora tornavam-se explícitos e invasivos, e as palavras amargavam os seus ouvidos como veneno. Amélia encontrava-se presa, incapaz de reagir. Baal aproximava-se cada vez mais, os seus toques percorriam-lhe o seu braço, como um aviso.

— És uma jóia rara, Amélia — sussurrou Baal, com a voz carregada de desejo. — E apenas eu sou capaz de revelar o teu verdadeiro brilho.

Capítulo 6

Os dias passavam a correr mas, ao mesmo tempo, pareciam que não tinham início nem fim. Baal cercava-a como um predador, e cada noite tornava-se uma tortura silenciosa. Baal invadia-lhe o quarto, e a sombra do seu vulto projetava-se nas paredes como um presságio sombrio. A atmosfera tornava-se irrespirável e a presença marcante dele aproximava-se lentamente da pequena silhueta de Amélia. Ela permanecia imóvel, o corpo rígido de medo, incapaz de se defender dos avanços daquele homem que, a cada toque, roubava-lhe um pedaço da alma.

— Não precisas de ter medo, minha querida — murmurou Baal, com a voz grave e suave, enquanto a sua mão se estendia lentamente para tocar na sua bochecha pálida. — Lembras-te? Somos amigos, não somos? — A sua mão, enrugada e marcada pelo tempo, acariciava-lhe a sua pele com delicadeza.— Eu irei proteger-te, mas em troca... irás pertencer a mim, e assim, ninguém ousará fazer-te mal, porque todos saberão que estás sob a minha proteção.

Amélia sentiu um frio na barriga, completamente enojada com o gesto de ternura que Baal demonstrava. Como era possível que, depois de tudo o que ele lhe fizera, ainda conseguisse olhar para ela com tal suavidade? O seu toque era gentil, mas as suas palavras eram afiadas como lâminas, cortando o seu ser a cada sussurro.

Os dias tornaram-se uma espiral interminável de tormentos. Baal, sempre com aquele sorriso enigmático, controlava-lhe cada movimento. Os toques tornaram-se mais frequentes, e as visitas noturnas constantes. Amélia, por sua vez, sentia-se cada vez mais sufocada, como se a besta que antes segurava a flor, com cuidado e delicadeza, agora revelasse a sua verdadeira força, esmagando-a com um poder implacável. Cada toque parecia roubar-lhe um pouco mais de vida, e ela, frágil, murchava sob o peso das mãos que a dominavam.

Apesar de toda a escuridão, havia uma presença que trazia um leve alívio ao sofrimento de Amélia: Ângela.

Sempre atenta e silenciosa, a empregada tinha noção dos horrores que a criança passava, mas era tão prisioneira quanto Amélia. Ela cuidava da jovem com o máximo de delicadeza, fazendo o que podia para suavizar a dor constante que Baal impunha no seu corpo. Havia poucas palavras entre elas, mas os gestos de Ângela falavam por si — o pano no rosto de Amélia para secar as lágrimas, as deliciosas refeições, que trazia com o objetivo de animar a menina, e até mesmo a tentativa de cobrir as cicatrizes deixadas pela besta, tudo isso falava por si só. E essas ações, cheias de cuidado, nutriram o amor entre elas.

As semanas passaram mas, para Amélia, cada dia parecia durar uma eternidade. O tempo perdeu o significado, e a sua mente estava presa naquela mansão, incapaz de pensar em algo para além do sofrimento que a consumia. As noites eram longas, e o medo de Baal invadindo o seu quarto a qualquer momento transformava o sono num luxo inalcançável. Ela já não contava os dias, não olhava para o passado, pois a dor do presente eliminava as memórias que constituíam no seu ser.

O seu corpo já não lhe pertencia, e a ideia de que poderia haver uma fuga ou uma salvação tornava-se mais distante a cada toque indesejado. O mundo fora daquelas paredes parecia ilusório, quase como se nunca tivesse existido. Tudo o que ela conhecia, tudo o que amava, estava agora ofuscado.

Ângela, sempre presente, era o único anjo na sua vida, tentando de alguma forma aliviar Amélia dos traumas que recaíam sobre ela; Maus tratos de Baal, olhares indesejados dos convidados, da falta de cuidado das outras empregadas..

Cada vez que a menina tremia de medo ou soluçava em desespero, Ângela estava lá, segurando-lhe a mão e apertando-a com força, oferecendo o máximo de apoio à jovem.

Contudo, nem mesmo a empregada podia impedir o destino cruel que se aproximava. O corpo de Amélia, outrora inocente e frágil, começava a denunciar uma transformação assustadora, que nenhuma criança deveria experimentar. Agora, o preço das visitas noturnas de Baal, sempre tão repulsivas e dolorosas, florescia como um fruto proibido dentro do seu ventre. O cansaço inexplicável e os enjoos ao amanhecer foram os primeiros sintomas que chegaram, e, mais tarde, Amélia percebeu o motivo do seu mal-estar.

O ventre dela começava a inchar, e, com ele, a certeza de que carregava dentro de si o produto de uma iniquidade que sofrera. Ângela também notou as mudanças e, num gesto de compaixão, abraçou a jovem:

— Eu estou aqui, Amélia. Tu não vais passar por isso sozinha... eu vou estar sempre aqui.

A voz rouca de Ângela estava coberta pelos seus soluços, e lágrimas escorriam pelo rosto da empregada enquanto os seus braços envolviam o corpo de Amélia num abraço quase materno.

Amélia, ao sentir o amor de Ângela nos seus braços, começou a despejar todo o fardo que carregara; desde o momento em que chegara àquela mansão. O abraço de Ângela reavivou as memórias do seu cérebro sobrecarregado: Com os abusos constantes de Baal, Amélia, nem por um segundo, ponderou a situação de luto que pais deviam estar a passar por perderem a sua única filha para um homem cheio de falácias manipuladoras.

— M... Mamããã! Eu... q-quero a minha mamã! E-eu quero o meu papá! — As palavras de Amélia ecoavam no quarto como um grito de desespero, enquanto segurava o seu ventre e chorava pelos seus pais.

Aquela imagem era demais para Ângela; era aterrorizante ver uma criança que soluçava e implorava pelos seus pais, com os seus pequenos braços a segurar a barriga que carregava um feto dentro de si.

A partir desse momento, Ângela começou a cuidar ainda mais da jovem. Fazia o possível para aliviar-lhe os sintomas, preparando chás calmantes e

servindo-a com um carinho delicado. Mas ambas sabiam que aquilo era algo que nem mesmo a gentileza de Ângela podia mudar.

Amélia sentia o ventre inchado com as mãos trémulas, enquanto Ângela, ao seu lado, oferecia-lhe um olhar que misturava dó e impotência. A vida que crescia dentro de Amélia era o reflexo dos tormentos que ela fora forçada a suportar. A gravidez era um lembrete cruel do controlo de Baal exercido sobre ela, e que se estendia até às profundezas do seu ser.

Mesmo cercada pelo cuidado de Ângela, Amélia sabia que estava aprisionada por algo maior do que jamais poderia compreender; ela estava grávida, e aquela vida que crescia dentro de si era o símbolo de um destino do qual não podia escapar. Só deus sabe o tempo que a criança passou em silêncio, com o seu segredo a crescer a cada segundo. As roupas já não lhe serviam como antes, e o inchaço no seu ventre começava a denunciar a realidade que ela tanto queria esconder.

A ideia de um aborto era impensável, apesar de Ângela insistir nessa hipótese, Amélia não tinha coragem de terminar com uma vida que não tinha culpa do que acontecera. No fundo, sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de contar a Baal, apesar de temer a sua reação e de ter medo de que a magoasse; a si, e à vida que dentro de si crescia.

Uma noite, enquanto Baal se reclinava na sua poltrona luxuosa, olhando intensamente para o relógio e segurando um charuto na mão oposta, Amélia decidiu que já não podia adiar mais.

Tremendo e com o coração acelerado, aproximou-se dele.

— Senhor Baal... — hesitou, a voz falhando. Ele olhou para ela com aqueles olhos sempre frios e calculistas.

— Ora, ora, que surpresa! É a primeira vez que falas comigo voluntariamente.

Amélia engoliu em seco; os seus passos pesados direcionavam-se à poltrona do seu lado, ao mesmo tempo que tentava reunir coragem para falar. Baal parecia sempre saber tudo, como se apenas estivesse fingindo

ignorância e saboreando o a agonia de Amélia. Mesmo assim, num sussurro quase silencioso, confessou o que tinha guardado por tanto tempo:

— Eu... estou grávida — murmurou ela, soluçando suavemente.

O silêncio preencheu o quarto como uma onda sufocante. Os olhos de Baal, antes vagos e misteriosos, endureceram. Ele ficou em silêncio por um momento que pareceu eterno. Então, devagar, pousou o copo de vinho na mesa à sua frente e inalou o seu charuto, fixando o olhar nela.

— Grávida? — repetiu ele, franzindo as sobrancelhas com uma voz calma, mas envolta numa tonalidade gelada e apática.

Amélia não conseguiu responder. Apenas assentiu, com as mãos trêmulas pousadas sobre o ventre.

A reação dele foi ao mesmo tempo previsível e perturbadora. Baal levantou-se da poltrona e caminhou até ela, com um caminhar que mais pareciam batidas que martelavam o chão. Quando se aproximou, estendeu a mão e tocou-lhe o rosto, como já fizera tantas vezes, mas desta vez o toque era mais duro, mais frio.

— Quem diria... — disse ele, com um sorriso breve e macabro. — Uma criança que carregar outra entro de si. Chega até a ser irônico.

Ele passou a mão pelo ventre de Amélia, como se estivesse a avaliar a situação. Amélia estremeceu, com o desgosto e o medo crescendo dentro de si. Não sabia se os enjoos que sentia no estômago eram por conta da sua situação ou pelas palavras cruéis e repulsivas que saíam da boca de Baal.

— Irônico...? — perguntou ela com desprezo.

A vontade de chorar era grande, mas a raiva começava a dominar o seu corpo. Mas apesar da raiva, engoliu o choro num suspiro, e perguntou:

— O que faço...?

Baal soltou um pequeno riso, um som sem alegria, mas sim de satisfação. Ele virou-se, caminhando em direção à janela, onde observava o nada.

— Simples — disse ele, com um leve encolher de ombros. — Esperas pacientemente pelo nascimento do nosso bebê.

Virou-se com calma, os movimentos calculados, e os olhos gelados fixaram-se nela, carregados de uma intensidade que gelava o ar entre os dois.

— Esta criança será minha. Será parte de mim, do meu poder. — Fez uma pausa, observando-a com atenção, talvez à procura de medo ou rendição.

— Embora, confesso, tenha sido uma surpresa. Não esperava que acontecesse tão cedo.

A mente de Amélia latejava de raiva e desespero. O calor do ódio subia-lhe pelo corpo, mas o medo retinha-a, tornando o ar em volta dela pesado, quase irrespirável.

Amélia fitava-o, os olhos a arder de fúria, mas Baal, indiferente ao fogo que se acendia dentro dela, apenas continuava com o seu ar de superioridade, observando-a como se estivesse a estudar uma criatura insignificante. As suas pupilas eram vazias; poços sem fundo onde a humanidade tinha sido afogada há muito tempo.

— Parece que as emoções estão à flor da pele — comentou Baal, com um sorriso cínico que intoxicar o ambiente.

As palavras dele foram como espinhos, perfurando o pouco de força que Amélia ainda tentava guardar. Sentiu os olhos encherem-se de lágrimas, que desceram em rios silenciosos pelo seu rosto. O peito subia e descia de forma irregular, como se cada respiração carregasse o peso das emoções que não conseguia conter.

— Porquê... porquê estás a ser tão mau? — perguntou Amélia, as palavras saindo entre soluços. — O que é que eu te fiz para merecer isto?

Baal riu de novo, um som oco e cruel, como um eco vazio que se espalhava pelo quarto, enchendo o espaço com um desprezo que parecia infinito. Havia um brilho cruel nos seus olhos, como se estivesse encantado com a sua própria capacidade de provocar dor.

O riso dele era uma prova de que ele não via nela uma pessoa, mas um brinquedo — algo para ser controlado, destrolado e moldado à sua vontade.

— Tu não percebes? — diz Baal, com um olhar que invejava qualquer maniaco — Tu vais gerar uma vida! Essa criança é o meu triunfo, e tudo o que tu sofres...é apenas um sacrifício necessário.

Ele inclinou-se, aproximando o rosto dela até que ela pudesse sentir o cheiro do vinho e do charuto.

— O teu sofrimento — reforçou ele, os lábios perto do seu ouvido — é necessário.

Amélia soltou um pequeno soluço, um som abafado, incapaz de continuar a lutar contra a crueldade implacável que a esmagava por dentro. Sabia que não havia resposta, não havia defesa. O riso de Baal continuava a ressoar na sua mente, uma lembrança da sua dor e masmorra eterna.

— Pobre Amélia... — murmurou Baal, aproximando-se com um sorriso perverso, segurando-lhe o queixo com os dedos frios, forçando-a a erguer o rosto.

O seu olhar penetrante analisava o desespero refletido nos olhos de Amélia. Para ele, o sofrimento dela era um espetáculo que lhe trazia uma espécie de prazer sádico.

Ele soltou-a bruscamente, como se a dor dela já não tivesse mais utilidade para ele naquele momento, e afastou-se, caminhando de volta à poltrona luxuosa, onde se sentou com a mesma indiferença de sempre, como se o destino dela já estivesse selado e o assunto estivesse encerrado.

— Descansa, minha querida. Não queremos que o bebê sofra complicações por causa do teu...sentimentalismo, certo? — disse ele com um tom gélido, cheio de arrogância.

Por fim, ergueu a voz com um tom autoritário.

— Ângela! Leva a nossa doce Amélia para os seus aposentos, e para de cuscar as conversas por detrás da porta, que coisa deselegante.

O sorriso malicioso dele surgiu logo após a reprimenda, enquanto soltava uma baforada de fumo do charuto.

— Desculpe, senhor... — murmurou Ângela, com a voz baixa e hesitante, enquanto os seus olhos, cheios de medo, evitavam encontrar os de Baal.

Lentamente, inclinou-se para junto de Amélia, colocando uma mão suave no seu braço pequeno.

— Vamos, querida. — sussurrou, tentando esconder o tremor na voz, ao mesmo tempo que puxava-a com cuidado para longe da sala.

Baal, observando a cena, recostou-se preguiçosamente na sua poltrona, os dedos brincando com a taça de vinho, como se estivesse a saborear mais do que apenas a bebida, enquanto que o seus olhos brilhavam de forma assustadora.

Ângela conduziu Amélia com cuidado, olhando para a jovem que seguia com os olhos vazios, o rosto pálido e imóvel, como se tivesse perdido a capacidade de perceber o mundo à sua volta.

Os dias, as semanas e os meses já não faziam sentido, e o desgosto de Amélia só se tornava mais profundo, juntamente com a repulsa que sentia por Baal.

Numa dessas noites onde a mansão descansava, Ângela moveu-se pelo quarto de Amélia com passos sigilosos, quase como se a própria escuridão estivesse a vigiar cada movimento. Sentou-s, então, lentamente, observando-a com um misto de tristeza e ambiguidade. Os traços delicados da menina estavam agora marcados pela dor; a sua pele, agora

esbranquiçada como mármore, era fria ao toque, e os olhos, antes vibrantes de esperança, agora perdidos em algum lugar sombrio e distante dentro de si.

Sem saber como agir, Ângela lutava contra o cansaço e o medo que a assolavam. Ela não suportava mais ver Amélia assim, desfalecida e entregue ao seu destino cruel. A vida de Amélia naquela mansão era pior que uma eternidade no inferno. A dúvida constante sobre o futuro daquele feto envenenava os pensamentos da empregada e da pequena. Havia necessidade de fazer algo, qualquer coisa.

Capítulo 7

Angela pegou nas mãos de Amélia, o toque era frio, e o silêncio no quarto parecia gritar as verdades que nenhuma delas ousava pronunciar.

— Amélia... — murmurou ela, com a voz carregada de uma urgência que não conseguia mais conter. — E se nós fugíssemos daqui?

Aquela palavra — “fugir” — pairou no ar como uma promessa do inalcançável, mas ao mesmo tempo tentadora e irresistível.

Amélia, envolta no torpor da sua dor, demorou a processar a proposta. Fugir? Era um conceito que lhe parecia tão distante quanto a própria liberdade. Mas algo no tom de Ângela, uma centelha de esperança, fez com que, pela primeira vez em meses, sentisse algo que já não sentira há muito tempo; uma urgência, uma necessidade de sobreviver.

— Fugir? — repetiu, a voz fraca, quase um sussurro, como se a própria palavra lhe exigisse mais força do que tinha.

Ângela apertou-lhe as mãos com mais força, sentindo a pequena reação de Amélia como um sinal de que nem tudo estava perdido. Ela sabia que o medo estava unificado com o ser da jovem, mas sabia também que, se não fizessem algo, Amélia pereceria ali, naquele mausoléu de sonhos desfeitos.

— Sim, fugir — repetiu Ângela, desta vez com mais convicção, quase como se a sua própria determinação pudesse injetar vida na alma desgastada de Amélia. — Não podemos continuar aqui, não podemos deixar que ele te destrua mais. Ainda mais agora que estás grávida.

O tempo parecia parar naquele instante, como se o próprio universo aguardasse a resposta de Amélia.

— E se... e se ele nos encontrar? — sussurrou Amélia, o pavor estava evidente em cada sílaba. A simples ideia de liberdade parecia-lhe tão distante quanto o dia em que entrara naquela podridão, tão inalcançável quanto o céu que mal podia recordar.

Ângela suspirou, o peso da realidade caíra sobre os seus ombros, mas a urgência nos seus olhos que não permitia desistência.

— Sei que é aterrador — respondeu Ângela, a voz agora rouca com emoção contida. — Mas não podemos continuar assim. Ele não pode continuar a controlar as nossas vidas...Desde o momento em que chegaste aqui, eu devia ter-te protegido melhor. Agora, com a criança que carregas... não posso permitir que esse monstro propague ainda mais o seu mal.

— Tu tens que confiar em mim. — continuou — Não te posso deixar aqui para que ele continue a destruir-te, ou que faça o mesmo com essa criança. Esta é a nossa única oportunidade. Esta é a nossa oportunidade para sairmos daqui e sermos livres!

Amélia, com lágrimas nos olhos, fez um esforço para responder, mas o medo ainda a mantinha presa.

— E... e as outras pessoas que estão aqui? — perguntou, a voz um sussurro quebrado pela incerteza. Parte dela queria agarrar-se a qualquer desculpa para não agir, para não enfrentar a realidade terrível da fuga.

A ausência da resposta dizia tudo o que a criança precisava de saber. O pesar inundou o seu coração, ainda que o pensamento de abandonar aquelas vítimas a um destino tão terrível lhe corroësse a alma; sabia, no entanto, que arriscar-se significava expor-se a um fim certo, especialmente se alguém as denunciasse a Baal.

— Tens algum plano? — perguntou Amélia, a voz carregada de culpa, quase sufocada pela pressão das suas próprias palavras.

Ângela apertou-lhe as mãos com firmeza e, num gesto que emanava tanto alívio como determinação, respondeu com um sorriso tranquilo:

— Sirvo esta casa há 33 anos. Eu tenho sempre um plano! Primeiro...

— Espera, espera! — interrompeu Amélia. — Deixa-me apontar...

PLEVO

Primeiro, precisamos de neutralizar possíveis ameaças.

E como faremos isso?

Lembras-te de quando o Baal despediu todos os cozinheiros da mansão?

Sim, porque colocaram sal na comida dele... Espero que estejam bem.

Ah... Claro! Pois... Enfim, desde então eu fiquei encarregue da comida.

Ah! Já sei, vais cozinhar tanto que as pessoas vão querer tirar uma soneca!

Quase isso. Na cave à vários produtos que podemos usar. Podemos pegar veneno para ratos e misturá-lo na co

ESPERA

— Veneno?! O teu plano é mesmo envenenar pessoas?! — disse a jovem, aterrorizada pela malícia da sua sugestão — Eu não quero matar ninguém!

— Amélia, escuta-me... — disse Ângela, aproximando-se devagar e pousando gentilmente a mão no seu ombro, tentando acalmá-la. — Não é uma questão de querer ou não querer, e sim de sobreviver; de colocarmos aqueles que mais amamos em primeiro lugar.

Amélia deu um passo atrás, como se aquela ideia ergue-se uma barreira invisível entre ambas.

— Mas isso torna-nos iguais a *ele*... — murmurou, enquanto as lágrimas ameaçavam cair. — Eu não consigo... eu não consigo ser assim. Eu não quero ser assim.

A empregada suspirou, mas fixou o olhar na jovem, uma mistura de impaciência e abulia, como se o pavor de Amélia lhe fosse incompreensível.

— Então queres passar o resto da tua vida nesta prisão? Queres dar esse destino à criança no teu ventre? — Ângela ajoelhou-se, nivelando-se à sua altura. — Agora, Amélia, tens a oportunidade de mudar o teu destino; não apenas por ti, mas pela criança que carregas. Eu prometo — reforçou Ângela — Eu prometo que nós vamos sair daqui, e quando o fizermos, nós ficaremos juntas e seremos felizes para sempre.

Por um instante, o silêncio foi absoluto, interrompido apenas pelo cochicho distante dos empregados, que discutiam as tarefas por concluir, e pelas vozes arrastadas dos convidados presentes na mansão, balbuciando palavras entre brindes que ressoavam nas paredes da mansão.

— E se falharmos? — perguntou, rompendo o peso da quietude com uma voz de quem já conhecia a resposta, mas ainda assim temia ouvi-la.

— Então pelo menos saberemos que tentamos. — respondeu Ângela, segurando-lhe o olhar. — Que não fomos apenas vítimas, e sim guerreiras.

Amélia acenou com a cabeça, o movimento ínfimo mas significativo, como se a coragem dentro dela fosse um clarão que ofuscava a névoa do receio.

Ângela sentiu um alívio quase corpóreo ao perceber a concordância da menina, mas sabia que não havia tempo a perder. Décadas de serviço naquela casa ensinaram-lhe cada movimento que mantinha as engrenagens da mansão em harmonia, assim como os períodos em que ela respirava com menor intensidade: a fase da lua nova e a fase da lua crescente.

Faltavam apenas nove dias para o nascimento da lua nova. Ângela sabia que essa seria a ocasião ideal — o momento em que a noite, despojada de luz, envolvia o mundo numa escuridão cúmplice. Sob a proteção de um céu sem testemunhas e na presença silenciosa das estrelas, a fuga seria furtiva e, com certeza, bem sucedida.

Capítulo 9

Ângela e Amélia mantiveram a rotina do costume até ao aparecimento da lua nova: sempre com a cautela necessária para não despertar suspeitas. Contudo, a empregada dedicava-se, em segredo, a preparar cada pormenor da fuga. Escondia venenos em recantos discretos da cozinha, minuciosamente escolhidos, de modo a evitar qualquer possibilidade de descoberta.

Desde o início da manhã até o cair da madrugada, Ângela permanecia atenta, observando os movimentos que vagueavam pela mansão. À medida que o sol se erguia, anotava as figuras que entravam e saíam da casa, assim como as pessoas que cruzavam os corredores, tentando entender a quantidade de almas que frequentavam o lugar e identificar os horários mais densos de atividade. Mais tarde, à medida que a noite caía, registrava os momentos em que a casa parecia mergulhar num silêncio profundo, que era interrompido apenas pelo som do carvão que riscava o papel nas mãos da governanta.

Baal parecia não desconfiar delas. Afinal, por que razão suspeitaria que criaturas tão frágeis e sem rumo ousariam opor-se a um poder tão avassalador?

No primeiro dia que nascera a lua nova, a mansão mergulhava num silêncio ensurdecedor, apenas quebrado ocasionalmente pelas vozes abafadas de um ou dois clientes, que conversavam confortavelmente na sala de convívio. Ângela e Amélia, de olhares cúmplices, sabiam que o momento era agora. Cada pormenor fora calculado, e cada risco ponderado com precisão.

Hora de preparar o jantar chegou, e Ângela dirigiu-se à cozinha, enquanto Amélia permaneceu no seu quarto, os dedos entrelaçados em prece, suplicando a Deus que tudo corresse como planeado. Embora a sua expressão fosse de serenidade habitual, o coração de Ângela batia num

ritmo frenético, como se cada pulsação propagasse a adrenalina que lhe percorria o corpo.

Com as mãos trémulas, retirou os quatro frascos escondidos nas pequenas fendas das paredes húmidas e envelhecidas da cozinha e outros quatro venenos que se encontravam debaixo do chão de tábuas de nogueira.

Num gesto cauteloso, verteu o líquido no grande caldeirão; o veneno dissolveu-se de imediato, desaparecendo no caldo espesso onde o alho-francês, cebola e batatas se entrelaçavam num emaranhado de temperos e toxinas.

Em seguida, retirou os frascos e verteu o veneno nas carnes — pato à l'orange, fillet mignon e perdiz estufada —, nos acompanhamentos — puré de batata, legumes salteados, arroz à valenciana e salada de alface com rúcula —, e nas sobremesas, onde charlottes de framboesa, mousses de chocolate, tarte Tatin e pudins de baunilha aguardavam para serem servidos.

Quando o relógio de pêndulo anunciou as nove badaladas, o som profundo viajou por toda a mansão, avisando a todos que o jantar estava prestes a ser servido. Os poucos convidados presentes deslocaram-se para a sala de jantar, gargalhando palavras sujas e presunçosas.

Já sentados, os criados, jardineiros, costureiras, lavadeiras e outros trabalhadores entraram subtilmente e sentaram-se, em silêncio, num canto mais discreto da sala, enquanto os seus olhos, marcados por anos de servidão e trabalho árduo, penetravam os azulejos do chão, sem que nenhuma palavra fosse proferida e nenhum gesto desnecessário fosse feito.

Apesar de os empregados, naquela casa, não serem considerados seres humanos, uma coisa que não podiam reclamar era a comida: Baal permitia que comessem o mesmo que os convidados e no mesmo horário, embora num espaço isolado, onde ninguém os pudesse ver.

Angela tocou a campainha, que convocava os mordomos e criados encarregues de servir a comida. Estes entraram de imediato, colocaram a

sopa num *gueridon trolley*, cobriram-na com uma *cloche* de prata e saíram pela porta estreita que ligava a cozinha à sala de jantar. Com movimentos precisos e calculados, iniciaram o ritual de distribuição do prato de entrada.

A governanta manteve-se de pé num local estratégico, de onde podia observar cada ser vivo naquele estabelecimento. Com um gole seco, testemunhou as pessoas a provarem a sopa.

Uma leve amargura era notável na sopa, mas os temperos e os legumes suculentos abafaram esse detalhe. Ângela, ao ver o contentamento daqueles presentes, suspirou de alívio e aguardou pacientemente que todos terminassem a sopa, antes de sinalizar para os garçons e garçonetes distribuírem o prato principal.

Após o vaivém incessante dos empregados de mesa, tanto os convidados como os criados encontravam-se satisfeitos e saciados pelo banquete. Contudo, não demorou muito para que a satisfação cedesse lugar a um desconforto crescente; náuseas, dores no abdómen e, em alguns casos, vômitos violentos, apoderaram-se dos presentes.

O espaço esvaziou-se rapidamente e Ângela aproveitou-se e dirigiu-se aos aposentos de Baal, carregando com cautela uma bandeja com a sua refeição.

Diferente da maioria dos nobres, Baal tinha o hábito de tomar as suas refeições apenas depois de todos os outros, um símbolo da sua generosidade que escondia o desdém profundo que o homem nutria por todos à sua volta, indignos da sua presença.

— A comida está do seu agrado, senhor? — perguntou Ângela, num tom respeitoso.

— Como sempre, Ângela, só tu sabes preparar algo à altura do meu gosto — disse Baal, entre uma garfada e outra. O tom de aprovação era evidente na sua voz.

— Mas diz-me — continuou, franzindo ligeiramente o sobrolho —, onde está a Amélia? Não me parece tê-la visto passar pelo corredor à hora do jantar.

Baal ergueu o olhar, cravando-o nos olhos da governanta com uma intensidade glacial, como se cada palavra proferida fosse pesar na balança do seu julgamento.

— B-Bem, senhor — gaguejou ela, esforçando-se por manter a compostura —, a Amélia não se tem sentido muito bem, devido à sua... “condição”. Pediu-me que lhe preparasse algo simples e o levasse ao quarto assim que todos terminassem de jantar.

— Se assim é, não a vou reter aqui por mais tempo. Não quero que a pequena passe fome — Acrescentou ele.

Após estas palavras, limpou os cantos da boca com um lenço e estalou os dedos; um gesto subtil, mas carregado de autoridade, ordenando que Ângela retirasse o guéridon. Ela compreendeu de imediato e, sem uma palavra, deixou os aposentos.

Na cozinha, Ângela fechou a porta atrás de si e começou a preparar uma refeição leve. Conhecia bem os perigos de Amélia passar demasiado tempo sem comer, especialmente no estado em que se encontrava. Com eficiência, verteu o leite numa panela e levou-o ao lume, juntou a aveia e mexeu até obter uma papa cremosa. Retirou-a do calor, espalhou fios de mel sobre a superfície dourada e acrescentou figos e fatias finas de maçã como toque final.

Enquanto isso, no seu quarto, Amélia brincava distraidamente com duas pedras riscadas — uma marcada com um lábio vermelho e outra com um bigode preto. O som de batidas suaves na porta interrompeu a sua brincadeira. A porta abriu-se, revelando ser a Ângela a segurar uma taça de papas de aveia fumegantes.

— Come, precisas de ganhar forças — disse Ângela, estendendo a tigela na direção da menina.

— Obrigada, Ângi! — respondeu Amélia, sorrindo enquanto segurava a tigela.

Conforme saboreava as papas quentes, o olhar atento da menina pousou em Ângela, que permanecia de pé, sem se juntar a ela. Com uma expressão inocente, Amélia encheu a colher e estendeu-a em sua direção.

— Tu precisas mais do que eu, pirralha — respondeu a governanta, num tom rijo, mas carinhoso, acariciando-lhe a cabeça. — Além disso, fui treinada para passar dias sem comer. Não te preocupes comigo.

Amélia, com uma expressão amuada, estendeu a colher ainda mais perto de Ângela. A mulher, percebendo que a criança não iria desistir tão facilmente, então, suspirou dramaticamente e, num gesto animado, aceitou as papas que lhe fora oferecida.

— Pronto, estás satisfeita? — perguntou, num tom bem-humorado, enquanto mergulhava a colher nas papas e dava de comer à menina.

Amélia assentiu, mastigando a comida, que não era apenas temperada pelo mel e a doçura das frutas, mas também pela ternura da mulher.

A governanta não conseguiu conter um sorriso enquanto observava a menina comer com tanto entusiasmo. Porém, Amélia, desejosa de prolongar aquele momento de partilha, voltou a mergulhar a colher nas papas, estendendo-a novamente para Ângela.

A troca continuou, acompanhada por risos suaves, preenchendo o quarto sombrio com um calor carregado de união e afeto.

Quando os céus se tingiram de negro, os residentes daquela casa renderam-se ao cansaço, entregando-se a sonhos profundos e inquietos. Todos, excepto a governanta.

Ela permanecia acordada, os olhos presos nos papel de parede padronizado do quarto, enquanto a mente fervilhava incessantemente. Calculava e recalculava os pormenores do seu plano, antecipando cada

falha possível e traçando rotas de fuga ou alternativas, criando uma alternativa do plano A ao plano Z.

A cada som que emergia dos corredores, inclinava ligeiramente a cabeça, escutando atentamente os gemidos abafados e ao gargarejar dos vômitos que denunciavam a agonia alheia. Cada ruído era analisado com frieza, alimentando a certeza de que tudo o que planeava estava a decorrer conforme o esperado.

Antes do nascer do sol, Ângela dirigiu-se à pequena horta, situada no vasto quintal da residência. Com mãos ágeis, colheu alimentos frescos: alfaces tenras, tomates suculentos, framboesas e morangos doces, cogumelos carnudos, e rabanetes maduros. Colou-os cuidadosamente numa cesta de palha e, em seguida, dirigiu-se à cozinha, onde pegou em cinco pães dourados e macios, juntamente de um garfo pontiagudo, pousando-os na mesma cesta.

Sem perder tempo, Ângela subiu apressada para o seu quarto. Lá, abriu a gaveta da sua cómoda e pegou a sua LeMat Revolver, juntamente com outras possíveis armas improvisadas: um cabo de vassoura, uma régua de madeira e um pequeno pote de barro — utensílios comuns que poderiam ser usados para auto-defesa, caso os planos tomassem rumos inesperados. Colocou-os, junto com o garfo, numa segunda cesta, mais pequena.

Sem perder mais tempo, saiu em direção ao quarto de Amélia, com discrição e agilidade, para que ninguém a notasse.

A mulher abanou delicadamente o ombro da criança, enquanto ela lutava contra o sono.

— Ângela? O sol ainda nem nasceu... — murmurou Amélia, bocejando.

— Eu sei, eu sei, mas escuta com atenção o que eu te vou dizer: o efeito do veneno provavelmente vai demorar entre 24 e 48 horas, por isso teremos de ficar fechadas durante esse tempo, porque vai haver muito caos. O teu quarto fica um pouco afastado da porta de saída da mansão, mas existe

um esconderijo secreto debaixo das escadas, perto do hall de entrada. Antes que mais alguém acorde, deveríamos ir para lá.

Após dizer isso, Ângela entregou-lhe o cabo de vassoura e a pequena cesta com as armas improvisadas.

Amélia, ainda meio ensonada, assentiu e agarrou os objetos, seguindo Ângela em direção ao local.

Ao longe, conseguia ouvir os gritos e vômitos das pessoas que consumiram o jantar da noite passada. A culpa e a preocupação fizeram os seus sentidos despertarem de imediato.

Ângela, de forma sagaz, levantou imediatamente o alçapão, que escondia um pequeno compartimento, repleto de lençóis e mantas, prontas para as abrigar.

— Podes continuar a dormir aqui, tentei fazer disto o mais aconchegante possível. — comentou a empregada.

Amélia abraçou-a com os seus pequenos braços tépidos e sentou-se cuidadosamente sobre os lençóis, pousando uma mão sobre a sua barriga inchada, antes de fechar os olhos. A mulher seguiu os movimentos da menina e sentou-se ao lado dela, envolvendo o seu corpo coberto de mantas num abraço apertado, para a manter aquecida. Depois, com o garfo, fez uma pequena fenda na madeira que protegia as suas cabeças, permitindo-lhe observar o exterior.

O sol ergueu-se, acompanhado pelos inúmeros gritos de agonia e desespero que ecoavam pela mansão. Ângela tapou os ouvidos da criança com as suas próprias mãos, numa tentativa de abafar os gritos ensurdecedores e os passos pesados das pessoas que corriam em sem rumo por cima das suas cabeças.

Algumas já estavam caídas no chão, paralisadas, enquanto outras vomitavam sangue e lutavam para respirar, sugando o máximo de ar que os seus corpos enfraquecidos conseguiam suportar.

Amélia engolia o choro, forçando-se a mentalizar que tudo aquilo era necessário para a sua sobrevivência. Repetia para si mesma, como um

mantra, que tinha de colocar a sua segurança e a do seu bebé em primeiro lugar.

— Fizemos o necessário, Amélia — sussurrou Ângela, apertando-a com delicadeza enquanto mantinha o olhar fixo na pequena fenda. — O sol já desapareceu, tenta comer algo, por favor. Vais precisar de energia para correr.

Amélia levantou o olhar úmido. Sem coragem para protestar, pegou no pedaço de pão guardado na cesta, em alguns morangos, e deu uma pequena dentada, como se o simples ato de mastigar fosse uma tarefa espinhosa.

Ângela observava-a com atenção, ao mesmo tempo que os seus ouvidos se mantinham alertas, prontos para captar qualquer som fora do normal, enquanto trincava um tomate.

— Ainda há pessoas que podem estar a vagar pela mansão. O mais seguro seria sairmos amanhã ao anoitecer. Até lá, mantém-te forte. — disse Ângela, com um sorriso que tentava transmitir uma segurança que ela própria não sentia.

Amélia retribuiu com outro sorriso e manteve o foco na comida que segurava.

Aquela noite fora desconfortável para a criança, tanto pelo chão duro que tornava o seu corpo dorido, como pelo sangue que escorria pelas pequenas fendas da madeira por cima delas. Ainda assim, Amélia esforçava-se por se concentrar na sua respiração, e aguardava pacientemente pelo anoitecer do dia seguinte.

Algumas horas passaram, e lentamente a luz do sol infiltrou-se na casa com os seus raios dourados. Ângela despertou junto com o nascer do dia e foi imediatamente envolvida pelo silêncio ensurdecedor que pairava sobre a mansão; esse silêncio só podia significar que o seu plano tinha funcionado. Contudo, sair durante o dia seria demasiado arriscado e, por precaução, decidiu aguardar pela chegada do anoitecer.

Ambas aguardavam com uma paciência invejável pelo cair da noite, ao mesmo tempo que petiscavam a comida que restara, sempre atentas a qualquer possível barulho. As horas passaram-se em silêncio, e, quando o último raio de sol desapareceu da mansão, Ângela olhou para Amélia.

— É agora! Vamos! Tenta ser rápida e silenciosa, está bem?

Amélia apertou os punhos, nervosa, e assentiu com a cabeça. Ângela abriu delicadamente o alçapão, observou ao redor se havia algum perigo e sinalizou para que Amélia a seguisse e segurasse o seu cabo de vassoura. Com passos leves como uma pena, ambas avançaram sorrateiramente em direção à porta de saída da mansão.

No caminho até à porta, o chão mal era visível, coberto de corpos inertes, sangue e vômitos espalhados por toda a parte. A cena era aterradora, mas Amélia esforçava-se por manter a cabeça erguida, fixando os olhos no destino. A cada passo, sentia o vento a intensificar-se, como se a porta lhe sussurrasse uma promessa de liberdade, incentivando-as a continuar.

Entre corpos e líquidos viscosos, ultrapassaram a porta com extremo alívio. Ambas respiravam fundo, sentindo o ar fresco de uma nova vida a percorrer-lhes os corpos. Mas, ao descerem as escadas, os seus passos hesitaram.

— Não é possível... Eu vi! Tu comeste aquela comida... Como é que... — murmurou Ângela entre suspiros, enquanto o seu corpo se enrijecia, atravessado por um arrepio cortante de perigo.

Baal nada disse. Limitou-se a olhar diretamente para ela, os seus olhos, cravados no fundo da sua alma, acompanharam um sorriso malicioso.

Ângela, tomada pela raiva, gritou:

— TU..TU NÃO ME SUBESTIMES!

Num movimento rápido como um relâmpago, agarrou a sua LeMat e disparou sem hesitar.

Baal arregalou os olhos e, assim, fez-se um barulho ensurdecedor, que expulsava todo o ser vivo num raio de 6km.

BANG! BANG!

Capítulo 10

— Eu... estraguei tudo, não é?...

O ecoar daquelas palavras fez com que o mundo se movesse em câmara lenta. A criança, que estava de olhos fechados, abriu-os e fixou-os em Baal, que segurava uma *Beaumont-Adams*.

Agora, o único som que conseguia ouvir era o batimento crescente do seu coração, como se fosse saltar do peito. Nesse exato momento, o seu olhar colidiu com a figura de um corpo que caía e rolava pelas escadas, deixando um rastro de sangue pelo caminho.

Amélia ficou estática, incapaz de mover um único músculo, apenas a testemunhar o que acabara de acontecer. O cabo de vassoura que segurava nas mãos parecia ganhar vida própria e soltou-se dos seus dedos trémulos, caindo diretamente no chão com um som seco e vazio. Ao ver a pessoa que mais amava-a, e que mais a protegia, encontrava-se estendida no chão, rodeada de sangue. Um calafrio percorreu-lhe o corpo, rompendo e destruindo uma parte de si.

— Uma pena, de facto. Só ela sabia cozinhar algo decente para mim. — disse Baal, olhando com carinho para a sua arma.

— ÂNGELA!! — gritou Amélia, com todo o ar que restava nos pulmões.

Desceu apressadamente as escadas, que pareciam não ter fim e, apavorada, agachou-se, envolvendo o corpo robusto nos seus braços frágeis.

— Angi! Por favor... Angi!!

A mulher forçou-se a abrir os olhos. Apesar de o corpo implorar para desistir, a força de vontade e a teimosia ainda eram soberanas.

— Desculpa, pequena — ofegou a governanta, com um sorriso sofrido, mas caloroso. — Parece... que estás por tua... conta agora.

— Não digas isso! Porque estás a sorrir? Isto não tem graça! Vá lá, levanta-te! Ainda podemos sair daqui! — suplicou Amélia, entre lágrimas e soluços. — Anda, levanta-te! Tu prometeste, lembras-te? TU PROMETESTE QUE ÍAMOS SER FELIZES PARA SEMPRE! LEVANTA-TE! Por favor..

A governanta levantou a sua mão, que mais parecia feita de chumbo, e pousou na bochecha da criança.

— Tu vais ficar bem... Tu és forte... Amélia. Perdoa-me... — Com isso, a sua mão caiu e as suas pálpebras fecharam-se, como um portão final.

— Não sou, eu não sou forte! Preciso de ti... Acorda! Por favor, acorda!

— Amélia gritava, agarrando-se ao corpo inerte da sua companheira.

Os seus clamores rasgavam os céus. As árvores, que testemunhavam a cena, estavam vestidas de compaixão e piedade.

Baal aproximou-se da criança, pousando a mão pesada sobre a sua cabeça.

— Tu viste, certo? Ela queria matar-me primeiro. Agi em legítima defesa, viste bem. — brincou, indiferente ao sofrimento que lhe transbordava dos olhos da criança.

Em seguida, segurou a mão trémula da jovem e prosseguiu, com desdém:

— Vá, vamos para a carruagem. Por causa da vossa pequena traquinice,

teremos de mudar-nos para uma casa nova, eu que não vou limpar aquela sujeir...

Amélia interrompeu-lhe o discurso ao bater-lhe na mão, um gesto seco e impetuoso. No instante dominado pelo instinto, da sua forma mais crua, virou-se e fugiu, deixando para trás as suas últimas forças enquanto corria pela floresta sombria.

Baal, surpreso, soltou uma gargalhada que reverberou pelas entranhas da floresta, um som cruel que parecia surgir do próprio abismo. Até ele não poderia ter antecipado um ato tão ingénuo e desesperado. Imaginar que aquela criança acreditara, por um breve momento, ter qualquer hipótese de escapar de um homem armado.

Admirado pela bravura forjada no calor da dor e do medo, ergueu o braço e disparou contra os céus.

— AU REVOIR, AMÉLIA! — vociferou, com uma teatralidade quase jocosa, antes de murmurar, num tom sombrio: — Fizeste a tua escolha... Vemo-nos em breve.

Os olhos de Baal seguiram a figura frágil que se desvanecia na penumbra da floresta, como uma alma perdida sendo tragada pelo nevoeiro. Amélia não sabia para onde ia; apenas corria, movida pelo instinto e pelo pavor, na direção oposta àquela casa maldita.

O erguer do sol no horizonte iluminou calorosamente o corpo da menina, que se encontrava no meio do nada, encostada a um tronco áspero de uma grande árvore. O sono pesado vencera-lhe o corpo alerta.

Não se sabe quanto tempo passou sozinha naquela floresta: dias, talvez semanas. Alimentando-se de pequenos insetos e folhas, com a companhia dela mesma e do ser que crescia dentro de si, lutando com as suas forças para conseguir sobreviver mais um pouco.

Um dia, porém, enquanto dormia, um aroma invadiu-lhe os sentidos, delicado e irresistível. Amélia abriu os olhos lentamente e, ainda

atordoada, reparou numa figura não muito longe. Junto a uma pequena fogueira, alguém mexia um caldeirão que exalava aquele cheiro delicioso.

— Ah, acordaste! Ainda bem. Não me apetecia nada encontrar um cadáver de uma criança no meio da minha caminhada.

A voz era firme, mas não hostil, trazendo uma estranha mistura de leveza e pragmatismo. A pessoa aproximou-se lentamente, com passos cuidadosos, e estendeu-lhe uma tigela. O aroma que emanava do caldo era inebriante, algo infinitamente melhor do que os insetos e folhas amargas a que Amélia consumira nos últimos dias.

Dentro da tigela, um caldo quente de cogumelos e ervas, recolhidos da própria floresta, exalava um pequeno vapor e consolo em meio ao caos.

Amélia ficou imóvel, perplexa, tentando assimilar o que estava a acontecer. O seu corpo implorava por nutrientes, mas a sua mente, ainda aprisionada pelo medo e pela desconfiança, hesitava.

No fim, os seus dedos trémulos estenderam-se lentamente para a tigela. Ela não queria confiar no estranho, mas o estômago rugia em protesto, e a fome, implacável, silenciou qualquer resistência.

O homem apresentou-se apenas como “feiticeiro”; era um nómada, vagando de aldeia em aldeia, sempre à procura de alguém a quem pudesse ajudar com as suas ervas medicinais. Contudo, o seu trabalho não era apreciado por todos; enfrentava constantemente o desprezo e o preconceito. Mas, apesar do ódio das pessoas, ele resistia. Seguiu o seu destino com uma determinação inabalável.

Deus, disse ele, concedeu-lhe o poder da sabedoria e do místico, uma dádiva que o ajudava a estudar e identificar plantas, a preparar alimentos e remédios destinados ao bem da humanidade. Contudo, o mundo à sua volta era cego ao seu valor. Embora possuísse uma força além do comum, ele escolhia não utilizar a sua magia, pois sabia que a maioria das pessoas a via com desconfiança e medo.

Quando chegou a vez de Amélia se apresentar e partilhar a sua história, o feiticeiro estremeceu ao ouvir o nome proferido.

— Tu conheces o...? — perguntou ela, mas foi imediatamente interrompida.

— Não digas o nome dele! — interrompeu o feiticeiro, a voz repleta de alarme. — Mas sim, eu cruzei-me com ele a caminho daqui, aquela aura...

— Ele está aqui?! — gritou ela, com aflição.

— Temos de sair daqui, imediatamente. Anda, Amélia, vamos para um sítio mais seguro.

Amélia hesitou. Algo na sua expressão fechou-se de forma abrupta, e, depois da experiência com Baal, já não possuía a mesma inocência para confiar em estranhos.

— Não temos tempo para isto! Por favor, vem comigo. Sentir-me-ia horrível se deixasse uma criança sozinha neste lugar. — implorou ele.

Ela fitou os olhos perturbados do feiticeiro e percebeu o apreço sincero que transparecia neles. Sabendo que não resistiria por muito mais tempo na floresta, cedeu.

Ambos subiram para a humilde carruagem de madeira, liderada por dois cogumelos, em forma de cavalos.

— Sabes em que aldeia moram os teus pais? — perguntou ele, esperançoso.

Amélia limitou-se a abanar a cabeça, em silêncio, tingida de melancolia.

— Ficar por aqui seria perigoso demais. Parece que terei de abandonar a minha casa mais cedo do que esperava.

Capítulo 11

Ficar nas redondezas seria suicídio, então, 3 meses lunares, Amélia e Feiticeiro vagavam até lado nenhum, sem destino, abrigando-se em pequenas casas, para recompor as energias, e seguindo em frente, antes que a sua presença pudesse ser detetada. Quando a terceira lua cheia despediu-se do céu, ambos encontravam-se num terreno perto da aldeia **LosRog**.

O feiticeiro guiou-a para um terreno a poucos metros da aldeia. Após uma pausa, respirou fundo, ergueu as mãos num gesto decidido e, com um movimento que parecia invocar o próprio poder da terra, uma casa em forma de cogumelo emergiu do solo.

Amélia observou o fenómeno com admiração, deixando escapar um comentário espontâneo:

— Já percebi que adoras cogumelos.

O feiticeiro sorriu, o rosto suavizado pela brincadeira.

— E quem não gosta? — respondeu, num tom caloroso e irónico, que aliviou a tensão que pairava entre ambos.

Eles entraram na casa, que já se encontrava completamente mobilada, equipada com os utensílios necessários. Amélia observava cada detalhe, mas sentia-se alheia àquele espaço.

Agora que estavam num local seguro, o feiticeiro lançou-lhe um olhar mais perscrutador. Algo no modo como associava os fragmentos da história que Amélia lhe contara à protuberância na sua barriga, ainda absorvida pelas memórias que a perseguiram, e da sua barriga despertava-lhe uma preocupação crescente. Um suor frio escapou da sua testa ao imaginar o pior.

— Amélia, essa... "*coisa*" aí é do... dele? — perguntou, hesitante, com a voz tensa como o fio de uma lâmina.

Amélia não respondeu. Limitou-se a acenar com a cabeça de forma quase imperceptível, o gesto tão carregado de trauma que parecia deixar o ar mais denso.

O feiticeiro ergueu-se abruptamente, passando as mãos pelo rosto numa expressão de desespero.

— Oh céus... isto é perigoso. — A sua voz vacilava. — Essa criança... essa criança não pode nascer!

— O quê?! — gritou Amélia, incrédula.

Sem lhe dar atenção, o feiticeiro começou a misturar ervas numa tigela de madeira, mexendo freneticamente com um olhar distante.

— Bebe isto, vai fazer a tua barriguinha voltar ao normal. — disse, estendendo-lhe um copo com a mistura esverdeada.

O seu tom tentava soar leve, quase infantil, como se quisesse mascarar a gravidade da situação. Amélia olhou para o líquido com desconfiança.

— Mas... e o bebé? — perguntou, a voz tremendo, a mão hesitante.

O feiticeiro fixou-a com um olhar carregado de seriedade, como quem carregava o peso de um mundo inteiro.

— Amélia, essa criança... não pode nascer. É perigoso.

— Porquê? — gritou ela, a voz a oscilar entre o desespero e a raiva. — Apenas conta-me o porquê!

Ele hesitou. As palavras estavam presas na sua garganta, como se revelá-las fosse pior do que guardá-las.

— Não entenderias — disse por fim, num tom mais baixo. — Mas, por favor, confia em mim.

Amélia deu um passo em frente, os olhos a arderem com lágrimas e fúria.

— Não! Tu é que não entenderias! Já perdi os meus pais... já perdi a minha melhor amiga, que era como uma segunda mãe para mim. Este bebé é tudo o que eu tenho!

Os seus punhos cerraram-se, e a voz dela quebrou com a intensidade da dor.

— Se queres matar esta criança, vais ter de me matar primeiro! Estou exausta de fingir que sou forte. Como posso eu ter forças, se tudo o que me mantém de pé é arrancado de mim?

O feiticeiro parou. As suas mãos tremiam ligeiramente enquanto observava Amélia. Por um lado, sabia do perigo que aquele ser poderia trazer ao mundo; por outro, via a luta e a força inabalável que residia na jovem.

Ele suspirou profundamente, rendendo-se ao peso daquela escolha.

— Está bem, ganhaste.

A sua voz soava cansada, mas carregava um respeito resignado.

— Mas preciso que tenhas noção de uma coisa: Aquele homem não é alguém comum. Eu sei do que falo. Ele tem dons que nenhum ser humano conseguiria compreender. Não sabemos ao certo se o bebé irá, de facto, herdar a maldição que resigna dentro daquele ser... se notares qualquer sintoma estranho... avisa-me, por favor.

Assim, o acordo foi selado. Amélia passou a viver na casa de cogumelo com o feiticeiro, ajudando-o a recolher os ingredientes necessários para os seus trabalhos.

Juntos, dedicavam-se a auxiliar as pessoas da aldeia com poções, remédios e rituais que pareciam quase milagrosos. No entanto, a generosidade deles não era suficiente para silenciar as vozes maliciosas que começavam a espalhar rumores de bruxaria negra.

Ninguém sabe quem começou os rumores, só se sabe das falácias espalhadas: “ Uma criança grávida? onde já se viu, numa idade tão tenra se entregar, assim, ao diabo!”; “Aquele bruxaria vai transformar-nos todos em lesmas! Cabritos! Ratos!”; “Devem ser dois fugitivos que vieram infernizar a nossa querida aldeia!”.

Diziam que o feiticeiro realizava rituais estranhos à noite, que as ervas que ele usava tinham origem profana, e que a presença de Amélia, uma jovem com uma barriga saliente, era prova de algo sombrio. Mas tudo se intensificou numa noite de tempestade, quando um agricultor local afirmou ter visto luzes estranhas emanarem da casa-cogumelo.

A história espalhou-se pela aldeia como fogo em palha seca. As luzes, na verdade, não eram mais do que um reflexo das poções que o feiticeiro preparava para salvar uma criança da aldeia de uma febre mortal. Mas isso não importava para os aldeões. Para eles, tudo era um sinal de algo pecaminoso.

— Ele não curou a criança, ele tirou a febre com feitiçaria e colocou-a num dos nossos filhos! — Dizia um homem da praça, enquanto apontava para o seu filho, em trajes finos num frio de oito graus centígrados.

— Aquele cogumelo é uma afronta à natureza! — acrescentava outra, com os olhos semicerrados de suspeita. — O meu Tozé disse que viu aquela aberração emergir da terra!

Com a divulgação desses comentários, a aldeia, que antes mergulhava na sua pacificidade e união, agora era rodeada de **olhos vermelhos e ferozes**, como se desfrutassem dos espetáculo que presenciaram.

Os sussurros de desconfiança transformaram-se em ódio aberto. As pessoas começaram a evitar Amélia e o feiticeiro quando ela ia até à aldeia buscar mantimentos. Olhavam-na com desprezo e, às vezes, cuspidando no chão ao passar por ela.

— A filha do feiticeiro! — murmuravam. — Quem sabe o que se está a criar naquela barriga amaldiçoada?

O ódio fervilhava como uma panela prestes a transbordar. Mas as preocupações de Amélia e do feiticeiro estavam fixadas num evento ainda maior.

O tão esperado ser estava prestes a nascer. Amélia, após horas de luta e dor, olhou para o recém nascido, com amor. Era uma menina delicada e Angelical, e decidiu chamá-la de Bonnie, pois, apesar do ambiente hostil que os rodeava, acreditava que o nome simbolizava a beleza daquele momento tão precioso da sua vida.

O parto foi assistido pelo feiticeiro, que permaneceu ao seu lado nos meses seguintes, ajudando-a a cuidar do bebé e observando o comportamento de Bonnie. Mas a chegada da criança, em vez de apaziguar os ânimos, alimentou ainda mais as suspeitas da aldeia.

— Aquele bebé é fruto de um pacto! — exclamou um aldeão, numa reunião improvisada na praça. — É uma maldição para todos nós!

Foi então que os aldeões decidiram tomar precauções maiores, com ameaças e recados deixados à porta de Amélia: galhos partidos em cruz, símbolos riscados na terra e, por fim, um bilhete que dizia: “Sai da nossa terra!”, o que forçou o feiticeiro a proteger o redor da casa com um escudo que expeliam pessoas que não eram residentes.

Apesar do caos, Amélia decidiu permanecer; aquela casa era um lugar que guardava com carinho no coração. Afinal, foi ali que a sua filha nasceu, e que a sua nova vida começou. Apesar do ódio dos aldeões, acreditava que, um dia, tudo isso mudaria. Acreditava que, um dia, a paz se instalaria

O feiticeiro, no entanto, sabia que não poderia ficar. Ele, que devotava a sua vida para o bem da humanidade, não tinha como ficar no mesmo sítio por tanto tempo.

— Tens a certeza que não queres vir comigo? Nós podemos encontrar uma aldeia mais hospitaleira, e podias ficar por lá.

Amélia negou com a cabeça.

— Eu acredito que, um dia, as pessoas verão que nós apenas queremos paz. Estou cansada de ver cenários que não me são familiares, de não poder sentir apego e chamar a minha casa de “lar”. Eu quero que o meu lar seja aqui, no sítio onde a minha filha nasceu.

O mágico compreendeu, mas optou, pelo sim, pelo não, de lhe dar um pequeno amuleto encantado.

— Assopra este cogumelo se notares algo estranho na Bonnie, ou se aqueles bárbaros te fizerem algum mal. Farei o possível para regressar o mais rápido possível.

Em seguida, abraçou fortemente Amélia e acariciou a cabeça de Bonnie, como uma despedida afetuosa, em seguida, desapareceu no horizonte. Amélia ficou à porta da casa, segurando Bonnie nos braços, com um misto de gratidão e preocupação. O breve período em que ele estivera presente na sua vida tinha sido valioso, mas agora sabia que enfrentaria sozinha o ódio crescente da aldeia.

Enquanto observava a silhueta do feiticeiro desaparecer entre as árvores, Amélia apertou Bonnie contra o peito. Na sua mente, apenas uma promessa se enraizava: proteger a sua filha a qualquer custo.

Primaveras e Invernos passaram, e o desprezo dos aldeões por Amélia manteve-se como uma corrente inquebrantável. A pequena casa no meio da floresta tornara-se um refúgio solitário, um lugar onde o mundo exterior parecia distante, mas nunca completamente ausente. Apesar da vizinhança complicada, a jovem encontrava uma certa paz na rotina da sua vida com Bonnie. O amor pela filha era a única luz que brilhava no meio de tanta hostilidade.

Com o tempo, Amélia transformou o terreno ao redor da casa numa pequena horta, onde podíamos encontrar ervas medicinais, flores e

legumes que cresciam vigorosamente sob os seus cuidados. As suas mãos trabalhavam a terra com devoção, e o aroma da terra molhada e das flores era um consolo, uma lembrança dos ensinamentos do Feiticeiro de que, apesar do ódio dos outros, ali havia vida.

Bonnie, por sua vez, crescia com um espírito indomável. Era uma criança cheia de energia e curiosidade, sempre à procura de aventuras, mas nada que fosse uma anomalia, coisa que o mágico temia.

Muitas vezes, escapava por breves momentos para explorar a floresta, correndo entre árvores e observando os animais que lá habitavam, mas esse seu lado corroía a Amélia com uma preocupação anormal.

— Bonnie! — chamava Amélia, com a voz firme mas carregada de ternura.
— Volta para perto de casa! Já sabes que não podes ir muito longe.

Bonnie surgia de entre as árvores com as faces rosadas e os cabelos despenteados pelo vento. Na mão, segurava flores ou pequenas pedras que encontrava pelo caminho.

— Mas, mamã, eu não fui muito longe — dizia, segurando os tesouros da sua aventura.

Amélia ajoelhava-se para ficar ao nível da filha e segurava-lhe as mãos pequenas com delicadeza, como se temesse que, ao soltá-las, Bonnie fosse levada pelo vento cruel do mundo lá fora.

— Eu sei, minha querida, mas lá fora o mundo é extremamente perigoso... És a coisa mais importante da minha vida. Preciso que fiques perto de mim para te proteger.

Bonnie, apesar de ainda tão pequena, parecia compreender a gravidade daquelas palavras. Assentia com um aceno relutante, mas os seus olhos brilhavam mas, ao mesmo tempo, se desvaneceram.

Achava insuportável não poder fazer nada, mas compreendia a preocupação da mãe. Desde pequena a Bonnie sempre foi alertada para ter em atenção a um senhor de chapéu com uma bengala adornada por

uma cobra. O passado da sua mãe, embora censurado, foi passado de forma que Bonnie pudesse entender a preocupação constante da mãe.

Contudo, apesar da sua compreensão, o seu coração desejava uma vida normal. Onde pudesse brincar em paz e fazer amigos, coisa que, naquela aldeia, era impossível.

Via as crianças a brincar lá fora, mas quando tentava se aproximar, chamavam-na de bruxa e excluía-na. A única coisa que mantinha a sanidade da mesma, era escapulir de casa, deitar-se na relva da clareira e desabafar aos ventos sob o céu estrelado, como se o mundo inteiro fosse o seu diário, e as estrelas, as suas ouvintes.

Capítulo 12

— Mãeee! — disse Bonnie, apontando para a janela da cozinha.

Amélia, sempre pensando o pior, pegou imediatamente o cabo de vassoura e correu em direção da voz da pequena, com fogo nos olhos e nas pernas, que tentavam chegar à velocidade da luz.

— O que foi querida! Alguém entrou em casa? Alguém te fez mal? — ofegou a mãe

— A casa não tinha um escudo, ou lá o que é? — comentou a filha.

— Bom...sim, mas apenas funciona com pedras e galhos, não sabemos se machados e armas poderiam...

— Não interessa — interrompeu a filha, apontando para a janela, onde os guaxinins se aponderavam da sua comida.

Os animais, malandros e traiçoeiros, apressaram-se para pegar os condimentos e sair o mais rápido possível, mas Amélia era mais rápida e, com a vassoura, afugentou as criaturas.

— Ufa!... Eu sei que estamos todos tentando sobreviver, mas ainda ontem arrumei a cozinha, poça!

Amélia virou-se fugazmente para a filha, agarrando-lhe os braços.

— Estás bem, meu amor? Estás ferida?

Bonnie, indiferente à preocupação da mãe, perguntou.

— Mãe... Eu não quero mais ficar aqui.

— Bonnie, outra vez a mesma história?

A filha, com lágrimas nos olhos, empurrou a Amélia, tomada pela raiva.

— Eu não entendo! Não tínhamos ficado aqui para termos uma vida feliz?

— E não temos?!...— balbuciou a mulher.

— Só e for o teu caso! Porque todos os dias eu digo-te a mesma coisa: não gosto deste lugar, tu não fazes caso! — ofegante, suspirou. — Por favor, mamã... Eu quero viver como as crianças que vejo na janela de casa, eu quero poder brincar com elas, eu quero sair na rua e ter pessoas que sorriam para mim...

Amélia, com peso no coração, refletiu as palavras da filha.

— Desculpa, querida, é que este lugar...eu tento tanto apreço por ele. Apesar das pessoas que não nos aceitam, foi aqui que tive a oportunidade de viver uma vida renovada, com a pessoa que eu mais amo...

— Eu sei, mamã — comentou a criança com as emoções a explodirem para fora — mas a tua vida vai continuar mesmo noutro lugar, certo? Porque não importa para onde vamos, tu vais sempre estar comigo, e eu contigo!

A mãe sorriu com as palavras da filha.

— Mas quando é que te tornaste tão madura, Bonnie?...Está bem, fazemos assim: Hoje arrumamos as nossas coisas, e amanhã partimos para onde o vento nos levar, e vamos ser felizes para sempre, okay?

Ao ouvir tais palavras, o olhar de Bonnie encheu-se de brilho e esperança, com uma alegria quase palpável.

E assim ficou decidido.

Nessa mesma noite, enquanto Losrog se entregava a um sono profundo, Amélia e Bonnie mexiam nas suas coisas. A pequena, frenética e impaciente, colocava as suas posses na mala, sem ordem e sem critério, como se a teoria do caos aglomerasse naquele amontoado. A mãe, sempre paciente, colocou as sua mãe, terna, nos ombros de Bonnie e Cada peça que dobrava, cada memória que guardava, era como se estivesse a fechar um capítulo da sua vida.

— Deixa que a mãe arruma. Vai descansar, que amanhã temos um longo dia pela frente.

Bonnie acenou e foi a correr para a sua cama com os olhos fechados, antecipando o dia seguinte.

Quando a sua casa juntou-se ao sossego que a aldeia irradiava, Bonnie levantou-se silenciosamente da cama; decidiu escapulir pela janela e, com cuidado, e dirigir-se para a sua companheira, a clareira. Afinal, tinham que se despedir da sua velha amiga.

A luz pálida da lua iluminava o prado, escondido na densidade da floresta. Os pés descalços, pequenos e pálidos, sentiam a frescura úmida da relva, entrelaçada nos dedos da menina, como se soubessem que ela partiria. Ali, deitada sobre a relva, desfrutava dos seus próprios pensamentos e aproveitava a presença das luzes estreladas para desabafar com elas. Era uma sensação preenchida de paz, contrastava com o vazio constante que preenchiam os seus dias.

— Sabes, hoje vai ser o meu último dia aqui... Apesar do meu desgosto por esta espelunca, tu foste a única que me fez suportá-la. Apesar de não te expressares por palavras, consegues ser mais humana que muitos de nós.

Os ventos sopraram nos seus cabelos, como que a floresta estivesse a expressão a sua gratidão. Bonnie, que só ia lá para se despedir, regressou para o caminho de volta a casa, quando observou, ao longe na floresta, uns **holofotes vermelhos**. Curiosa, aproximou-se discretamente, mas quando reparou, esses pontos de luz desapareceram.

Assustada, caminhou apressadamente pela trilha de terra, que dava à sua casa, a clareira desaparecia atrás dela, mas um empurrão foi sentido nas costas dela.

— Olhem só quem temos aqui! — disse o homem, com um sorriso torto e o hálito pesado de álcool.

— Olha, olha, olha! — acrescentou a mulher, rindo e cambaleando enquanto se aproximava de Bonnie, os passos descoordenados.

A menina recuou instintivamente, o coração a bater descontroladamente. A presença deles era sufocante, seus gestos erráticos, imprevisíveis.

— Não quero problemas — disse Bonnie, tentando manter a voz firme, mas o tremor nos seus lábios denunciava o medo.

— Problemas? O problema é o que vocês duas trouxeram para esta aldeia! Desde que puseram os pés aqui, só desgraças têm caído sobre nós! — repetiu o homem, soltando uma gargalhada amarga e quase inaudível, o som se misturando ao cheiro de vinho em seu hálito.

A mulher inclinou-se para Bonnie, os olhos semicerrados, como se tentasse focar nela, mas sua visão estava claramente turva.

— Diz-me, pequenina... — começou ela, a voz arrastada pelo álcool. — Tu gostas de brincar com magia, tal como a tua mamã?

— Nós não fazemos isso! E amanhã vamos sair daqui e nunca mais vão nos ver.

— Pois, ic! Mas agora já é tarde... achas justo vocês destruírem a nossa paz e depois irem embora sem consequências?

Bonnie, tomada pelo medo, começou a correr o mais rápido possível para a sua casa, mas a poucos metros da mesma, o alcóolico agarrou-a pelo braço, com as suas mãos gélidas e firmes.

— HAHHAHA! Isso, Guigo, conseguiste! Apanhaste a ratazana hahaha!

— Por favor, larguem-me — implorou Bonnie, tentando libertar-se.

— Ah, ouçam-na! "Larguem-me, larguem-me!" — imitou o homem, rindo-se descontroladamente.

— Talvez devêssemos dar-te uma lição — murmurou a mulher, agora com um sorriso perverso.

Sem aviso, o homem puxou Bonnie pelo braço e empurrou-a contra uma árvore, arrancando-lhe um pequeno grito de dor. No meio de tanta confusão, os aldeões começaram a despertar e a seguir os gritos de socorro, que vinham da colina.

— Cala-te! — exclamou ele, erguendo a mão. Com um estalo seco, deu-lhe uma bofetada que fez a cabeça de Bonnie virar para o lado, a dor queimando-lhe o rosto.

A mulher ria enquanto assistia, como se aquilo fosse apenas mais um divertimento noturno.

O medo e a dor misturavam-se dentro de Bonnie, mas, antes que pudesse reagir, um grito rompeu a noite.

Capítulo 13

— LIBERTEM-NA!

A voz de Amélia, carregada de desespero e fúria, ecoou pelo ambiente como um trovão. Os olhos arregalavam de horror ao ver a filha encostada à árvore, com a face marcada, e o homem a preparar-se para a atacar novamente.

— Tch, até parece que vou obedecer a uma bruxa, a uma serva do diabo! Há muito que queria fazer isto...— proclamou o homem, apertando o braço de Bonnie com uma força descomunal.

Sem pensar, Amélia agachou-se e apanhou uma pedra do chão. O impulso de proteger Bonnie era maior do que qualquer hesitação ou medo.

Sem sequer pensar duas vezes, Amélia lançou a pedra com toda a força que tinha. O projétil atingiu-o na lateral da cabeça, na zona temporal, com um som surdo que parecia congelar o tempo.

O alcoólico cambaleou, os olhos vidrados de surpresa, antes de cair no chão com um baque seco.

Por um momento, o mundo ficou em silêncio. A mulher deixou escapar um grito agudo, correndo para o homem caído.

— Guigo? GUIGO!

A, agora viúva, acariciou a bochecha do corpo, desacreditada. Retirou uma aliança do bolso do senhor e colocou na sua mão, beijando-a enquanto as lágrimas escorriam do seu rosto, enquanto sussurrava num murmúrio lamentável *“Eu aceito”...*

Em seguida, virou-se para Amélia, e com os olhos vermelhos de raiva, proferiu, ajoelhada no chão com o cadáver inerte nos seus braços.

— O que fizeste?... O QUE FIZESTE?!

Amélia estava imóvel, o peito arfando, ainda incapaz de processar o que acabara de acontecer. Bonnie correu para os braços da mãe, as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto enquanto soluçava de medo e alívio.

— Mamã... — murmurou Bonnie, agarrando-se a ela como se a sua vida dependesse disso.

A viúva, que ainda tentava acordar o homem, levantou-se num rompante, com os olhos cheios de ódio e lágrimas.

— ASSASSINA! SUA ASSASSINA!

Amélia, que já sabia o que viria a acontecer, abraçou Bonnie com força, os seus próprios olhos marejados. Os gritos da mulher romperam a tranquilidade da noite como sinos de alarme, ecoando por entre as árvores e chegaram nos ouvidos dos aldeões, que testemunhavam um dos seus homens sem vida, no chão.

Amélia, ainda segurando Bonnie junto ao peito, sentia o coração a martelar-lhe no peito. O corpo do homem permaneci imóvel, e a mulher, que gritava "assassina" a plenos pulmões, gesticulava descontroladamente na direção delas.

Amélia sabia que não tinha muito tempo. Precisava proteger Bonnie, mas o peso do que acabara de fazer já se abatia sobre ela como uma tempestade. Ela sabia que, se voltasse para casa com a filha, os aldeões não desistiriam até arrastá-las juntas para o destino que agora parecia inevitável. Não podia deixar que Bonnie fosse punida por algo que ela fizera.

— Bonnie, ouve-me com atenção — disse Amélia, inclinando-se para a filha, a sua voz urgente mas cheia de afeto.

Bonnie olhou para ela com olhos arregalados, repletos de confusão e medo.

— Mamã, desculpa, eu só queria ver as estrelas... eu devia ter-te avisado, se eu tivesse ficado em casa nada disto estaria a acontecer...— balbuciou.

Amélia segurou-lhe o rosto, lutando contra as lágrimas que ameaçavam escapar.

— Está tudo bem, querida. Tu não tens culpa de nada, apenas faz o que eu te digo, querida. Por favor... vai para casa, e não olhes para a janela. A mamã vai resolver isto e amanhã podemos daqui, e seremos felizes, para sempre.

A jovem, tomada pelo pânico, virou-se e começou a correr em direção à casa. Cada passo parecia ecoar no chão de terra como um tambor.

Amélia, observando Bonnie afastar-se, sentiu uma pontada de alívio misturada com angústia.

Trancou a porta imediatamente e afastou-se da casa, com a intenção afastar as atenções da sua filha. Contudo, por pensar que a bruxa ia fugir, a viúva agarrou-lhe o braço com brutalidade.

— Ah, não, sua assassina! Não penses que vais fugir depois do que fizeste ao meu Guigo! — gritou a mulher, a voz carregada de ódio e dor.

O aperto no braço de Amélia era implacável. A mulher estava tomada por uma raiva que parecia maior do que ela mesma. Os aldeões, que agora se aproximavam aos poucos, começaram a formar um círculo em volta da cena. Os olhos arregalados, as expressões de choque e as vozes murmurantes formavam uma cacofonia de julgamento que caía sobre Amélia como um purgatório.

— Ela matou-o! — gritou a mulher, apontando para o corpo caído do homem. — Matou o meu Guigo a sangue frio!

Amélia tentou libertar-se, mas a mulher apertava-lhe o braço com uma força que parecia desumana, os dedos espetavam-se na sua pele como garras.

— Foi um acidente! Ele ia atacar a minha filha! — Amélia tentou explicar, mas a mulher não queria ouvir.

— Mentira! — rugiu a mulher, os olhos brilhando com fúria. — Ele nunca faria mal a ninguém! Tu é que és uma bruxa, e mataste um homem inocente!

Os murmúrios entre os aldeões tornaram-se mais altos. Palavras como "bruxa" e "assassina" começavam a saltar de boca em boca, inflamando o ambiente. Alguns avançavam com curiosidade, outros recuavam com medo e nojo.

— Ouçam-me! Ele ia bater na minha filha! — gritou ela, tentando explicar, mas a mulher riu-se com desdém, enquanto o luto escolhia na face dos aldeões como lágrimas.

— Sempre tens uma desculpa, não é, bruxa? Mas eu vi! Eu vi o que fizeste!
— A mulher virou-se para os aldeões, os braços abertos como se invocasse a justiça do céu. — Viram isto? É esta a ameaça que deixámos viver entre nós!

Um dos aldeões, um homem de idade avançada, aproximou-se do corpo de Guigo e verificou o pulso. Após um momento de silêncio pesado, ergueu-se e anunciou:

— Nenhum sinal de vida...

Um suspiro coletivo percorreu daqueles que ainda tinham esperança.

— Ele era um bom homem— comentou um.

— Tão trabalhador, tão honesto.. — clamou outro.

— O meu filho... O meu pobre filho...— murmurou os pais do morto.

— Vamos levá-la! — gritou alguém — Não podemos deixar isto impune!

A mulher que segurava a tão aclamada bruxa e empurrou-a para o chão, com força suficiente para a fazer tropeçar.

— Vais pagar por isto!

Amélia olhou para a multidão que se aproximava lentamente, como uma onda prestes a esmagá-la. Mas o seu pensamento estava longe dali. Estava em Bonnie, em casa, sozinha, à espera dela.

Com um esforço tremendo, levantou-se e gritou:

— Fiquem com a minha vida, mas deixem a minha filha fora disto!

Os aldeões, com os rostos contorcidos de ódio e vingança, agarraram Amélia e arrastaram-na até à árvore mais próxima. Amarraram-na com cordas grossas, enquanto juntavam galhos secos ao seu redor. O ar estava carregado de gritos furiosos:

— MORRE, ASSASSINA IMUNDA! VAI PARA O INFERNO!

A mulher, que perdera o marido, com os olhos cheios de lágrimas e raiva, aproximou-se da jovem amarrada. Nos seus gestos, havia uma intensidade desesperada, como se a morte desta fosse o único alívio para a sua dor.

— Já que não me podes devolver o meu marido, terás de pagar com a tua vida. E terás o mesmo destino que ele...— proferiu, com a voz preenchida de melancolia e rancor.

Entregaram-lhe uma tocha acesa. As chamas tremeluziam com uma voracidade que parecia refletir o ódio colectivo dos aldeões. Amélia, impotente e aterrorizada, viu as labaredas dançarem à sua frente, como serpentes prestes a atacá-la. A tocha foi lançada aos galhos secos, e o fogo começou a crescer, devorando rapidamente a madeira com um estalido voraz. Ao sentir as chamas subindo, avistou, ao longe, duas luzes cor de carmim, que brilhavam incessantemente e sussurrava algo para a jovem.

Com os murmúrios emitidos, Amélia arregalou os olhos, e as chamas, num piscar de olhos, intensificaram, como se controladas por uma entidade viva. Elas subiam pelo seu corpo, consumindo-a a ela e aos seus gritos, enquanto os aldeões festejavam a morte da suposta bruxa. O som

das suas risadas ecoava na floresta, e misturava-se com o crepitar do fogo, criando uma sinfonia macabra de destruição e loucura.

Enquanto isso, na penumbra de um quarto apertado, Bonnie estava abraçada aos joelhos, com os ouvidos saturados pelo barulho ensurdecedor que vinha do exterior. Os gritos de celebração e as canções de ódio penetravam as paredes finas da casa, como flechas envenenadas que se alojavam na sua alma. Curiosa e apavorada, ela aproximou-se da janela, o coração a pulsar descompassado. Subiu na mesa debaixo da janela e espreitou o que acontecia.

Bonnie não acreditara no que os seus olhos testemunharam. Aquela visão era demais para ser suportada, mas o seu olhar fixava-se na mãe, já desfigurada, enquanto os aldeões aplaudiam, alegres.

Bateu a porta, desesperada, esperançosa que parassem com aquele ritual macabro.

— PAREM! PAREM! MAMÃ! MAMÃ!! — gritou.

A menina correu para a porta, o ar a escapar-lhe dos pulmões como se a própria noite a engolissem. As forças começaram a falhar, e o peso do desespero fazia o seu corpo ceder, mas, ainda assim, ela atirou-se contra a porta.

Tentou abri-la, mas estava trancada. Desesperada, os seus olhos fixaram-se no cogumelo, guardado na prateleira empoeirada, e, com as mãos oscilantes, agarrou-o. Levou-o aos lábios e soprou repetidamente, à espera que aquele simples gesto pudesse invocar um milagre que salvaria a sua mãe, mas nada acontecera.

— Ugh! Mentiroso! Onde é que estás? Por favor, aparece! a minha mãe precisa de ajuda! — soluçou, enquanto soprava o cogumelo com toda as suas forças.

Jogou o cogumelo fora e continuou a bater na janela, gritando aos céus:

— TU PROMETESTE! TU PROMETESTE QUE IAMOS SAIR DAQUI
E SER FELIZES PARA SEMPRE!— gritou, a voz embargada pelo
desespero e pela dor, enquanto lágrimas quentes lhe escorriam pelo rosto.

Capítulo 14

Ela estava num estado de paralisia, o pânico a consumir-lhe as últimas reservas de força. O corpo da mãe extinguiu-se no silêncio cruel, e as cinzas levaram tudo o que restava dela, enquanto que os aldeões se retiravam e apoiavam a viúva.

Bonnie, que permanecia encostada à perna da mesa, permanecia no chão, de olhos vazios, e o espírito fragmentado.

De repente, o estrondo de algo a ser derrubado ecoou pela casa, um som pesado que parecia ressoar no próprio ar. Então, ele apareceu: um homem de chapéu alto e bengala, cuja presença serena e fria opunha-se com o caos que acabara de acontecer.

— Ela era uma boa pessoa. Uma alma frágil e delicada... talvez demasiado delicada para este mundo cruel. O fim que teve é tão grotesco quanto irónico... — O homem interrompeu-se repentinamente, soltando uma gargalhada genuína, fria e perturbadora.

Bonnie sentiu como se uma faca se espetasse no seu peito. A raiva e a dor misturaram-se num torvelinho de sofrimento quando o riso do homem preencheu a casa.

Ele bateu a bengala no chão com um som ritmado, quase hipnótico, como se ditasse o próprio bater do coração de Bonnie, que parecia querer fugir do seu peito. Com um movimento suave, a porta quebrada no chão começou a dançar até à batente, movendo-se como se tivesse vida própria. Então, o homem inclinou-se ligeiramente para ela, retirou o chapéu, que debaixo de si escondia outro pequeno chapéu. Ao erguê-lo, os seus cabelos escuros como, o ébano da sua bengala, apareceram, seguidos por dois pequenos chifres, quase imperceptíveis, que penetravam a sua pele.

— Os meus pêsames, Bonnie.

Benny olhou fixamente para a bengala, enrolada numa cobra de esmeralda e para o rosto daquele homem; seguiu-o, com o olhar, até à porta. Ela sabia quem ele era. A sua mãe falara-lhe sobre esse lobo disfarçado de ovelha, uma criatura astuta que usava disfarces para atrair as suas vítimas. Mas uma coisa parecia balançar no seu bolso: um cogumelo?

Um cogumelo semelhante àquele que assoprara para invocar o feiticeiro. O que isto significava? Aquele homem era o feiticeiro? O feiticeiro foi pego por essa serpente? A mente da criança andava às voltas.

Quando ele saiu, a raiva e o ódio de Benny misturaram-se de forma visceral, enquanto ela gritava agoniada no chão, o som da sua dor ecoando pelas paredes da casa.

Quando Baal, que desaparecia no horizonte, onde o sol começava a erguer-se, apreciava os gritos que a criança arrancava da sua garganta. Olhou para trás e observou a casa em chamas.

— Nada mau, pequena. — comentou, num leve tom de orgulho.

O ódio queimava-a de tal forma que o sentido no peito espalhou-se pelos seus braços como um fogo incontrollável, e, antes que pudesse perceber o que estava a acontecer, chamas irromperam das suas mãos — violentas e indomáveis, como se estivessem a tomar vida própria.

O fogo espalhou-se pela casa, lambendo as paredes e consumindo tudo à sua volta. Bonnie gritou, apavorada:

— O que é isto? Façam parar! Mamã, socorro! — Os seus olhos estavam arregalados; o coração em pânico enquanto via a destruição que causava.

Bonnie correu para fora de casa, as lágrimas misturando-se com o suor, enquanto caía de joelhos, ofegante. À sua frente, a única memória que tinha da sua mãe se desfazia nas chamas, consumida pelo fogo

implacável. O calor, a dor, o vazio... tudo se fundia numa névoa de desespero.

Ela olhou para as suas mãos, e um soluço aterrador escapou-lhe, o medo e a incredulidade tomando conta de cada fibra do seu ser.

De repente, uma criança passou por ali, e ao ver o cenário, apontou para Bonnie com os olhos arregalados, gritando sem cessar:

— Bruxa! BRUXA!

Bonnie, saturada pelo peso dessa palavra, a qual tinha ouvido vezes demais, sentiu a raiva a crescer dentro de si. Sem mais contenção, berrou:
— EU NÃO SOU UMA BRUXA!

As suas palavras foram como um estopim. O ódio irrompeu novamente em chamas, e, num impulso desenfreado, ela lançou-as contra o menino. O grito do pequeno ecoou no crepúsculo matutino, misturado com a dor que atravessava o seu corpo.

Bonnie olhou, inexpressiva, para a figura em chamas do rapaz. As labaredas, verdes e fúcsia, dançavam ao redor dele, como uma vingança embelezada, pintando o menino com o fogo da sua própria agonia. Não sentiu nada. Apenas um vazio profundo.

Virou a cara com um gesto mecânico e, sem hesitar, olhou para a aldeia ao fundo da colina. Um impulso automático tomou conta dela, e, sem qualquer remorso, dirigiu-se na sua direção.

À medida que se misturava com os aldeões, ouvia os sussurros que falavam dela e da sua mãe, palavras carregadas de medo e desprezo. Sem qualquer aviso, Bonnie ergueu a sua mão e, com um movimento brutal, lançou chamas furiosas para os que cochichavam, consumindo-os com a fúria que ela não controlava. As labaredas saíam das suas mãos como se fossem parte dela, uma extensão da dor que a atormentava.

A aldeia transformou-se num caos infernal. Gritos de terror ecoavam no ar, enquanto pessoas se atropelavam umas às outras, tentando escapar do fogo impiedoso. "Bruxa! BRUXA!" gritavam, mas a palavra agora soava

vazia, não mais como uma acusação, mas como uma súplica desesperada por misericórdia.

Bonnie não ouvia mais nada. Apenas o som das chamas a consumir a vida à sua volta, uma sinfonia de destruição alimentada pelo seu luto e rancor.

Acolá, olhou para a clareira, e queimou-a de imediato, enquanto observava o mundo à sua volta arder.

As veias nos dedos de Bonnie ficaram negras como carvão, e a pele da sua mão direita começou a endurecer, transformando-se numa substância que se assemelhava a pedra. O poder que ela não compreendia estava agora a dominar o seu corpo, e não havia como voltar atrás.

A aldeia, agora reduzida a cinzas e paredes chamuscadas, espelhava a insanidade instalada dentro de Bonnie. Sabia que algo dentro dela tinha mudado para sempre.

Assim, a pequena Bonnie, agora sozinha e consumida pelo desejo de vingança, sabia que teria de enfrentar o mundo e o monstro que fez a sua mãe sofrer.

E essa é a minha história...